



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DENISE TARTUCI FONSECA

**CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS: UMA TRAVESSIA NOS CAMINHOS
DA APOSENTADORIA**

CATALÃO-GO
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DESPACHO

Processo nº 23852.002625/2023-85

Interessado: @interessados_virgula_espaco@

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALAO

DESPACHO



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL
DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

Dissertação ou Tese?

Dissertação

2. NOME COMPLETO DO AUTOR

Nome: Denise Tartuci Fonseca

3. TÍTULO DO TRABALHO

Título: CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS: UMA TRAVESSIA NOS CAMINHOS DA APOSENTADORIA

4. INFORMAÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO (ESTE CAMPO DEVE SER PREENCHIDO PELO ORIENTADOR)

Concorda com a liberação total do documento: SIM NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa.

Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **RITA TATIANA CARDOSO ERBS, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/12/2023, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Tartuci Fonseca, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0022324** e o código CRC **19C1F80A**.

DENISE TARTUCI FONSECA

**CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS: UMA TRAVESSIA NOS CAMINHOS
DA APOSENTADORIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) biográfica.

Orientadora: Professora Doutora Rita Tatiana Cardoso Erbs.

CATALÃO-GO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Fonseca, Denise Tartuci
CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS : Uma Travessia nos caminhos da aposentadoria / Denise Tartuci Fonseca. - 2023.
95, XCV f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Tatiana Cardoso Erbs.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2023.

Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, lista de figuras.

1. (Auto)biografia. 2. Aposentadoria. 3. Narrativas. 4. Professoras.
I. Erbs, Rita Tatiana Cardoso, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº. 298 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE DENISE TARTUCI FONSECA.

Aos vinte e três dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e três, às 14:00 horas, no Laboratório de Ensino - Universidade Federal de Catalão (UFCAT), reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Rita Tatiana Cardoso Erbs - PPGEDUC/FAE/UFCAT - Orientadora; Prof. Dr. Ricardo Eleutério dos Anjos - PPGEDUC/FAE/UFCAT- Membro Interno; Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão - UFPEL - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de **Denise Tartuci Fonseca**, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, área de Concentração Educação, com trabalho intitulado **“CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS: UMA TRAVESSIA NOS CAMINHOS DA APOSENTADORIA”**. A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de **Mestra em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFCAT, aos **vinte e três dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Eleuterio Dos Anjos, Professor do Magistério Superior**, em 30/10/2023, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Usuário Externo**, em 04/11/2023, às 18:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rita Tatiana Cardoso Erbs, Professora do Magistério Superior**, em 06/11/2023, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4142827** e o código CRC **5355220D**.

Referência: Processo nº 23070.060316/2023-27

SEI nº 4142827

Dedico este trabalho às minhas meninas-moças Hadassa e Maressa, para que jamais esqueçam que conhecimento é poder, e que isso ninguém lhes tira.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de olhar para trás e expressar minha gratidão àqueles que, por algum motivo, em qualquer momento desse percurso, estenderam a mão e me ajudaram.

À minha querida amiga Janaína Rodovalho, que lá em 2015 viu em mim uma possível mestra em educação e sempre insistiu. À minha tia, Tânia Tartuci, que me auxiliou no preenchimento dos documentos e me ensinou a ter menos receio das tecnologias. Vocês duas amenizaram meus medos e inquietações quando eu não sabia por onde começar...

Quero agradecer a todos os professores da linha de pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica, com os quais aprendi muito e tive a grata oportunidade de conviver, mesmo que remotamente, por algum tempo. Vocês enriqueceram minha trajetória até aqui. Em especial, agradeço à minha orientadora, que pacientemente caminhou ao meu lado, permitindo-me escrever com autenticidade e sempre me impulsionando a ser melhor. Aprendi e continuo aprendendo muito com você, Rita Erbs.

Aos colegas dessa turma, deixo um abraço e agradeço especialmente àqueles com os quais criei um vínculo maior de troca. Quando me senti perdida, eram eles a quem eu recorria, para um desabafo, uma dúvida, um aconchego que hoje chamo de amizade: Érica Peixoto, Jeovanira e Lucas Lino, vocês são parte das memórias que levarei.

A cada amigo que se alegrou junto comigo, que esteve ao meu lado comemorando cada conquista compartilhada durante esses dois anos.

E para concluir, agradeço aos meus pais, João César e Maria Rita, que não mediram esforços para me incentivar durante essa etapa da minha jornada. A alegria de vocês quando receberam a notícia da aprovação foi tão genuína quanto a minha. Era lindo ver seus olhos brilharem. Obrigada por tudo!

Com lágrimas nos olhos enquanto escrevo, olho para o céu e agradeço a uma força que chamo de Criador, por todas as pessoas que iluminaram meu caminho até aqui e trouxeram leveza em dias difíceis.

Gratidão!

FOLHA DE APROVAÇÃO

Denise Tartuci Fonseca

CONTOS E HISTÓRIAS DE PROFESSORAS:

Uma travessia nos caminhos da aposentadoria

Dissertação apresentada como requisito parcial para o título de Mestre em Educação, no curso de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Catalão, sob orientação da Prof. Dra. Rita Tatiana Cardoso Erbs.

Banca Examinadora

Orientadora - Profa. Dra. Rita Tatiana Cardoso Erbs - UFCAT

Examinador 1 - Prof. Dr. Ricardo Eleutério dos Anjos - UFCAT

Examinador 2 - Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão - UFPEL

Suplente 1 – Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros - UFCAT

Suplente 2 – Profa. Dra. Cláudia Machado - UFCAT

Catalão/GO, 23 de outubro de 2023.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDUC), na Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisas (Auto)biográficas, da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Esta pesquisa buscou, através de narrativas de professoras em fim de carreira docente, compreender as suas percepções quanto aos projetos de vida pós-aposentadoria. Diante de toda a reflexão e estudo, surgiu o seguinte problema: Quais foram os sentidos e ressignificações que surgiram a partir do pedido de aposentadoria para professoras em fim de carreira? Logo, este trabalho teve como principal objetivo compreender quais foram os sentidos e ressignificações despertados durante o processo de aposentadoria de professoras da educação básica. Mais especificamente, buscou-se analisar relatos de vida de professoras e como suas experiências poderiam contribuir para a formação continuada de outros docentes; identificar, através da subjetividade, quais sentimentos e projetos de vida surgiram a partir do momento em que optaram pela aposentadoria; e reconhecer o processo de aposentadoria no aspecto subjetivo e não apenas jurídico. O universo teórico em que esta pesquisa estava inserida diz respeito à História da Educação. Este estudo recorreu ao método (Auto)biográfico e à abordagem qualitativa. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas e levantamento bibliográfico, descritivo e analítico, construindo assim uma narrativa (Auto)biográfica. Ter a oportunidade de refletir sobre minha prática, aliando-a às entrevistas que discorreram sobre a dinâmica do processo da aposentadoria, seus sentidos e significados sob diferentes óticas e perspectivas, interiorizando e aprendendo com as experiências narradas. Com relação às constatações obtidas ao longo da realização e análise das entrevistas, percebeu-se que a aposentadoria foi percebida de formas semelhantes e ao mesmo tempo distintas entre as duas professoras. Enquanto uma percebeu nesse processo uma possibilidade de descanso, a outra se viu em um dilema com relação ao “abandono” de um ofício que tinha desempenhado há tantos anos e pelo qual possuía grande apreço. Além da questão afetiva que envolveu o encerramento da prática docente formal, as entrevistadas se depararam com questões financeiras, relacionadas à perda de determinados valores. Contudo, esse aspecto, como outros que envolveram o processo de pesquisa, foi percebido de formas muito particulares pelas professoras, indicando que sujeitos, mesmo quando inseridos em uma realidade deveras semelhante, viveram suas trajetórias de forma singular.

Palavras-chaves: (Auto)Biografia. Aposentadoria. Narrativas. Professoras.

ABSTRACT

This work was developed together with the Postgraduate Program in Education (PPGEDUC), in the Research Line: Educational Policies, History of Education and (Auto)biographical Research, at the Federal University of Catalão - UFCAT. This research sought, through narratives from teachers at the end of their teaching career, to understand their perceptions regarding post-retirement life projects. Considering all the reflection and study, the following problem arose: What were the meanings and new meanings that emerged from the retirement request for teachers at the end of their careers? Therefore, this work's main objective was to understand what the meanings and resignifications were awakened during the retirement process of basic education teachers. More specifically, we sought to analyze accounts of teachers' lives and how their experiences could contribute to the continued training of other teachers; identify, through subjectivity, which feelings and life projects arose from the moment they chose to retire; and recognize the retirement process from a subjective perspective and not just a legal one. The theoretical universe in which this research was inserted concerns the History of Education. This study used the (Auto)biographical method and a qualitative approach. The data were produced from interviews and bibliographic, descriptive and analytical research, thus constructing an (Auto)biographical narrative. Having the opportunity to reflect on my practice, combining it with interviews that discussed the dynamics of the retirement process, its meanings and meanings from different perspectives and perspectives, internalizing and learning from the experiences narrated. Regarding the findings obtained during the conduction and analysis of the interviews, it was noticed that retirement was perceived in similar and at the same time different ways between the two teachers. While one perceived a possibility of rest in this process, the other found herself in a dilemma regarding "abandonment" of a job she had performed for so many years and for which she had great appreciation. In addition to the emotional issue that involved the termination of formal teaching practice, the interviewees were faced with financial issues, related to the loss of certain values. However, this aspect, like others that involved the research process, was perceived in very particular ways by the teachers, indicating that subjects, even when inserted in a very similar reality, lived their trajectories in a unique way.

Keywords: (Auto)Biography. Retirement. Narratives. Teachers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Vela.....	18
Figura 2 – A ponte.....	29
Figura 3 – Mandala.....	39
Figura 4 – Mosaico.....	54
Figura 5 – A Lua	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CENA I. ANTIQUÁRIO	18
1.1. <i>A escrita (auto)biográfica e a formação de professores</i>	18
1.2. <i>O Devir manifesta-se pelo conto</i>	22
1.3. <i>Eu me procuro no passado (Cora Coralina)</i>	23
1.4. <i>Fragmentos de uma professora em construção</i>	23
1.5. <i>Procurava o passado no presente, e lentamente fui identificando minha gente (Cora Coralina)</i>	27
CENA 2. A MULHER DA PONTE DA FONTE.....	29
CENA 3. ESPELHOS.....	39
3.1. Constituir-se professora	40
3.2. Percepções sobre a atual conjuntura.....	44
3.3. Processo de aposentadoria.....	49
4. MOSAICO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
APÊNDICE I – Entrevista 01	73
APÊNDICE II – Entrevista 02	83

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou, a partir de narrativas de professoras em fim de carreira docente, compreender as suas percepções quanto aos projetos de vida pós-aposentadoria. A presente investigação visa elucidar quais questionamentos surgem quando essas profissionais estão prestes a se aposentar. Para isso, a rememoração de toda uma trajetória de dedicação ao ofício docente, indissociável da vida privada, é necessária. Para Hallbwachs (1990, p. 71), “A lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bastante alterada”. O autor ainda discorre sobre as diferenças entre os processos de leitura e releitura, sendo que esta segunda, quando processada, é alvo de uma gama de alterações provenientes da reflexão crítica sobre a primeira. Portanto, as memórias, ao serem resgatadas, podem assumir novos delineamentos consoantes aos modos através dos quais o sujeito da pesquisa se percebe no mundo no tempo presente.

Nada nunca terá o mesmo olhar, a mesma reflexão, o mesmo entendimento; o que antes era importante já não é mais, e o contrário também. Diante de toda reflexão e estudo, surgiu um questionamento: Quais os sentidos e ressignificações surgem a partir do pedido de aposentadoria para professoras em fim de carreira?

Visando responder à questão supracitada, este estudo buscou compreender quais os sentidos e ressignificações despertados durante o processo de aposentadoria de professoras da educação básica. Mais especificamente, buscou-se analisar relatos de vida de professoras, e como suas experiências poderão contribuir para a formação continuada de outros docentes; identificar, através da subjetividade, quais sentimentos e projetos de vida surgiram a partir do momento em que optaram pela aposentadoria; e reconhecer o processo de aposentadoria para além do campo jurídico.

Partindo do campo da História da Educação, este estudo recorre ao método (Auto)biográfico e à abordagem qualitativa. Quando o pesquisador se dispõe a ouvir o sujeito ou um grupo de pessoas sobre determinado tema, a escuta para posterior análise vem acompanhada do saber ouvir, encontrando o melhor caminho para direcionar as perguntas sem perder o foco. A escuta do pesquisador durante a entrevista é livre de julgamento, porém as percepções e compreensões são

analisadas com base no que o próprio indivíduo traz em sua perspectiva de vida, não havendo, assim, verdade absoluta.

O método de resgate de memórias através da autobiografização perpassa por alguns processos, tais como: descrição, interpretação, análise e síntese, conforme Passeggi (2008). A (Auto)biografia aqui é trazida para compreender os caminhos de formação no presente, proporcionando um projeto de si, conforme discorre Delory-Momberger, 2006.

O levantamento bibliográfico se deu por meios digitais em plataformas de pesquisa como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a SciELO - *Scientific Electronic Library*. A busca foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2022, empregando os seguintes descritores: Professoras e aposentadoria; Professoras em processo de aposentadoria. Foram buscados estudos publicados entre os anos de 2018 e 2022. A definição desse recorte se justifica pela possibilidade de construir um panorama atualizado sobre o tema.

A busca na BDTD gerou os seguintes resultados: 16 dissertações e 08 teses. A busca na plataforma SciELO não gerou nenhum resultado. Com base nos estudos identificados, pôde-se notar que a maioria versa sobre aspectos da formação de professores e do processo de aposentadoria relacionados a profissionais do Ensino Superior, não tendo sido identificado nenhum estudo desse tipo voltado aos profissionais da Educação Básica.

A pesquisa (Auto)biográfica possui um campo específico de produção de conhecimento. Sua abordagem, dentre outras características, tem as narrativas do sujeito e do pesquisador como foco. Como aponta Honório Filho (2016), a pesquisa (Auto)Biográfica em Educação estaria situada em dois eixos, sendo o primeiro das narrativas (Auto)biográficas como práticas de formação de adultos e formadores e o segundo relacionado às narrativas (Auto)biográficas como metodologia, ou seja, métodos de pesquisa de forma a expor graficamente a narrativa. Aqui pretende-se usar as duas perspectivas: para metodologia e como mediação formadora.

A produção de dados se deu a partir de memorial acadêmico e entrevista semiestruturada de duas (2) professoras em processo de aposentadoria da cidade de Ouidor-GO. O memorial acadêmico é aqui entendido a partir do que Soares (2001) expõe sobre o tema. A partir do memorial publicado pela autora, que exerceu grande influência na transformação das ideias pedagógicas no Brasil, especialmente no que se refere aos processos de alfabetização e letramento, é possível refletir sobre como

o registro de experiências com foco na posteridade pode contribuir com a formação de outros sujeitos. No caso de Magda Soares, seus escritos são capazes de evidenciar a educação em um contexto espacial e temporal amplo. “Sob os meus dias, parece estar a vivência de toda uma geração que se educou e educou nas últimas cinco décadas. Parece que a experiência passada que aí vai contada não me pertence” (SOARES, 2001, p. 15-16). Nesse sentido, contar sobre si demanda o reconhecimento de que a história de um indivíduo não é limitada à sua própria existência, mas envolve um conjunto de outros interlocutores.

Quando a reflexão sobre esse estudo começou a fazer parte de minhas próprias inquietações sobre os tão temidos 40 anos, a insegurança e minha visão sobre mulheres, professoras e aposentadoria eram pontos importantes a serem esclarecidos de forma significativa, sobretudo para mim, por ser algo que envolvia medo, vaidade, tempo, amor à profissão e perspectivas de vida após a aposentadoria.

Decidi escrever esta dissertação em três cenas, conforme a composição indicada por Marinas (2007). A primeira, que se refere ao primeiro capítulo, escrevo sobre meu primeiro contato com as narrativas (auto)biográficas, valendo-me de fragmentos do primeiro memorial acadêmico que escrevi em 2019, e o quanto essa metodologia me ensinou e ensina a compreender a educação e a minha formação como professora-pesquisadora. A segunda cena, que remete ao segundo capítulo, apresenta um conto (auto)biográfico escrito em terceira pessoa, no qual me descubro nesta modalidade de escrita, algo que foi e tem sido muito importante nesse caminho do conhecimento acadêmico. A terceira cena será desenvolvida através das entrevistas das professoras, também apresentadas em forma de conto. Cada cena se inicia com uma aquarela pintada por Sofia Paglarini, uma aluna que marcou minha trajetória docente.

Continuo a olhar para o meu passado recente, a mulher e professora que eu era no início deste estudo, analisando atentamente as mudanças internas e reflexões profundas sobre o papel da mulher em uma sociedade ainda patriarcal, o papel e influência de professoras no passado e na atualidade, a dinâmica do processo burocrático da aposentadoria e seus sentidos e significados, interiorizando e aprendendo com as experiências narradas, aquelas que foram o objeto dessa pesquisa.

CENA I. ANTIQUÁRIO

Figura 1 – A Vela



Fonte: Obra de Sofia Paglarini (2023).

Minha alma é antiga.

A fascinação por objetos antigos e histórias são como se preenchessem um pedacinho de um vazio desconhecido. A observação quando visito lugares que contam histórias, sendo elas nostálgicas ou não é meu lugar preferido. E é por isso que faço deste um capítulo de memórias, importantes em meu desenvolvimento acadêmico, e que traz à tona a mulher que estou me tornando (Tartuci, 2022, Escritos Pessoais).

1.1. A escrita (auto)biográfica e a formação de professores

Historicamente, percorremos inúmeras mudanças no campo da educação no que tange os preceitos determinados por aqueles que regem nosso país. A (auto)biografia, campo de discussão emergente, apresenta um conjunto de contribuições no que se refere a compreensão de si mesmo e do outro. Quando aplicada à educação, essa perspectiva evidencia elementos que compõe o cotidiano, e que exercem influência direta sobre a organização dos processos educativos, a profissão docente, a aprendizagem e desenvolvimento humano.

Segundo Wiercinski (2014), as narrativas (auto)biográficas são um campo de discussão recente no Brasil, que chegou nos anos 1980, tornando-se mais notório no início dos anos 1990. Embora esteja avançando rapidamente, a (auto)biografia ainda se depara com um conjunto de barreiras atitudinais, em especial com relação aqueles que defendem um modelo único de se fazer ciência. Em alguns lugares da Europa, como Alemanha e países anglo-saxões, esta modalidade de pesquisa já está firmada, enquanto em outros lugares como o Brasil e países da América Latina, como também a França, ainda há uma resistência por parte da academia em aceitar uma análise pautada na categorização subjetiva do ser.

De fato, as considerações geradas através desse método “[...] não poderiam ser validadas aos parâmetros do rigor científico, uma vez que a expressão da intuição e da emotividade não podiam aparecer em ciência” (SANTOS; ESTEVAM; MARTINS, 2016, p. 46). No entanto, a observação do sensível não pode ser deslegitimada, visto que tem muito a contribuir para a compreensão de diferentes aspectos da existência dos sujeitos.

A (auto)biografia compreende o humano em sua totalidade, através de suas narrativas, contrapondo-se o sistema cartesiano científico, não utilizando de técnicas precisas/experimentais. A análise de elementos que compõe o íntimo dos sujeitos resulta em um movimento de autoanálise e reflexividade. Diferentemente da razão lógico-matemática, a construção do conhecimento (auto)biográfico tem como foco a reflexão acerca de elementos subjetivos que permeiam a existência dos indivíduos (MELO; OLIVEIRA, 2020).

Por se tratar de uma categorização subjetiva dos dados, através das histórias de vida e da autopercepção do pesquisador enquanto ouvinte, a autorreflexão faz parte de todo o processo de investigação (auto)biográfica. Nesse percurso, entrevistado e pesquisador se formam, o que Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), definem como pesquisa, ação e formação: “[...] nessa modalidade de pesquisa qualitativa os processos reflexivos e de ressignificação das experiências são importantes, tanto para a pessoa que narra, quanto para quem as escuta, incluindo o pesquisador, que se forma com a pesquisa e com quem dela participa” (PASSEGGI, NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2016, p. 115). O ato de refletir e narrar os caminhos percorridos durante toda a sua trajetória escolar desde a infância até a vida adulta e, por conseguinte, sua profissão docente, o que Santos, Estevam e Martins (2018) denomina de “consciência histórica”, aumenta a percepção sobre sua prática.

O espelho, definido como o título da última cena, representa o ato de observar na fala do outro, aquilo que se relaciona com a minha experiência. Ou seja, a produção de narrativas (auto)biográficas também promove um processo de autorreconhecimento. Nesse sentido, o “auto”, do termo (auto)biografia, enfatiza a própria reflexão e aprendizagem do pesquisador enquanto ouvinte, o que possibilita observar “[...] as referências que existem em relação às transformações que ocorrem com o outro, no outro e no próprio pesquisador” (SANTOS; ESTEVAM; MARTINS, 2018, p. 47).

Uma das dificuldades dessa modalidade de pesquisa qualitativa refere-se à coleta de dados, pois, diferentemente das amostras tradicionais de uma pesquisa científica, esta constitui-se através da escuta sensível, o que segundo Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), representa “[...] um dos grandes desafios da pesquisa qualitativa é encontrar procedimentos adequados para a constituição dos dados”.

A legitimidade dos dados, a precaução e o cuidado para com os participantes dessa modalidade de pesquisa demandam a elaboração de um projeto conciso que apresente uma sequência de perguntas alinhada com os dados que se espera obter. Por se tratar de um tipo de pesquisa relacionada diretamente a seres humanos, seu desenvolvimento requer, a princípio, o aval da Plataforma Brasil, através do Comitê de Ética, que tem como intuito resguardar os sujeitos de suas declarações e da exposição dos relatos de suas histórias de vida, respeitando a singularidade de quem narra. Como apontam Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), '[...] a inquietação com o rigor científico na construção dos conhecimentos com base nas narrativas (auto)biográficas desdobra-se no cuidado com a ética no uso dessas fontes e na elaboração do método da pesquisa' (Passeggi, Nascimento, Oliveira, 2016). A disposição do profissional da educação para refletir sobre si e suas práticas pode melhorar sua 'intervenção pedagógica', como afirma Wiercinski (2014), '[...] rever a caminhada serve de perspectiva de mudança'.

Na projeção de elucidar a pesquisa (auto)biográfica no Brasil, foi criado, em 2004, o CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, evento que reúne pesquisadores desta modalidade, o qual acontece a cada dois anos em diferentes lugares deste País, o que tem contribuído para o acréscimo de estudiosos nesta linha de pesquisa.

As histórias de vida são fontes de informações necessárias quando se trata das narrativas, aliada a este processo, recorre-se a memória, através da história oral, de

fotos, imagens, vídeos, diários, documentos, filmes, para assim entender e compreender melhor o universo de cada indivíduo pesquisado (ABRAÃO, 2003). Nesse método, é desempenhado um movimento de compreensão dos múltiplos sentidos que envolvem o fato narrado. “Esse ressignificar os fatos narrados indicam que, ao trabalharmos com memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAÃO, 2003, p. 167). Enquanto narra sua própria história, o passado é trazido ao presente por meio da memória, reorganizando suas experiências e “interpretando a si mesmo, e, a partir do presente, pode (re)configurar o passado” (CUNHA, ANUNCIATO, 2020, p. 65).

Com o advento do cientificismo e o surgimento do Iluminismo, o qual priorizou a razão, a teoria e as técnicas científicas padronizadas, logo com a chegada da Modernidade, segundo (NEVES; AMORIM; FRISON, 2020), em detrimento historicidade do ser, o que eles definem como paradigma antibiográfico”, enaltecendo o saber racional e deslegitimar a historicidade do ser: “[...] o paradigma cientificista moderno apagou o sentido biográfico das descrições, interpretações e produções de conhecimento em nome da garantia do exercício unilateral da razão humana”. (NEVES; AMORIM; FRISON, 2020, p. 29).

Essa universalização do ser impossibilitou, durante séculos, visualizar o sujeito a partir de suas vulnerabilidades, ouvir o outro e aprender através de suas vivências, relatos de experiências e sua individualidade. A (auto)biografia e a formação consiste na desconstrução do *paradigma abiográfico* e seu reconhecimento científico surge como método para trazer as percepções, emoções do sujeito, trazer em voga o humano do ser, suas tradições, sua representatividade em seu contexto social, reconhecendo a complexidade da condição humana. Com o advento dessa modalidade de pesquisa ao longo das últimas três décadas, o que antes era denominado sujeito e objeto (pesquisador e pesquisado respectivamente), ambos são denominados hodiernamente como sujeitos do processo, pois, reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos (CUNHA, ANUNCIATO, 2020 p. 69), interação que reflete em aprendizado mútuo. Esses mesmos autores enfatizam essa complexidade de nós humanos e a busca de um entendimento de si e do outro, do diálogo recíproco e atento, sendo assim possível através das narrativas (auto)biográficas essa junção e a possibilidade de autorreflexão e autoconhecimento.

O não reconhecimento das biografias, como já dito anteriormente, não invalida a procura por tantos que se identificam com essa modalidade de leitura, pois, a singularidade do outro, pode se assemelhar a de tantos; o interesse de compreensão de si na fala do outro, “[...] a história de uma vida de uma pessoa é repleta de interesse humano” (CUNHA, ANUNCIATO, 2020, p. 63), tornando esse gênero de leitura mais bem reconhecido no meio acadêmico e visto com bons olhos no mercado editorial.

Utilizando a (auto)biografia como referência para compreender a formação de professores, Araújo e Santos (2020), escrevem sobre a Genealogia docente, análoga a historicidade única do ser, que denomina de assinatura única, o que, segundo as autoras, se assemelha a uma árvore de saberes, espécie de ancestralidade profissional, que aponta que observar e analisar a sua prática, permite reconhecer padrões estabelecidos a partir da infância, reproduzindo-os em sala de aula.

1.2. O *Devir manifesta-se pelo conto*

O poder da escrita, que descobri nos últimos três anos, tem sido uma ferramenta de autoconhecimento, aprendizado e treino. A liberdade de uma escrita autêntica a partir das narrativas me possibilitou escolher escrever esta dissertação em forma de conto. Através de um olhar atento da professora Dra. Juliana Araújo Barrado, em sua disciplina "Modernidade e Pós-modernidade", oferecida pelo PPGEDUC no primeiro semestre de 2022, pela primeira vez, escrevi um conto (auto)biográfico em terceira pessoa. Lendo poesias (auto)biográficas de Cora Coralina, senti-me pertencente a esse gênero textual; é assim que me sinto confortável para expor melhor minhas ideias e compreensões, resultando em uma escrita com mais acessibilidade de entendimento.

Meu ponto de partida e o início desta descoberta do poder da escrita deu-se quando escrevi um memorial na disciplina oferecida pela UFCAT no primeiro semestre de 2019. Por intermédio do professor Dr. Wolney, pude concluir com êxito escrevendo um memorial sobre toda minha trajetória escolar. Neste capítulo, em alguns momentos, fragmentos desse memorial serão citados, o que me possibilitou perceber o quanto algumas coisas sobre mim continuam intactas e, em outros quesitos, o quanto mudei, inclusive na maneira de escrever.

1.3. *Eu me procuro no passado (Cora Coralina)*

Falar sobre si, falar sobre mim, observar no outro, na fala do outro, nos gestos do outro, para assim aprender. Quando nessas observações me identifico com alguma fala, sem julgamento, é como se fizesse uma autoavaliação, do que preciso mudar, do que preciso arriscar, do que preciso agradecer. A escolha das narrativas (Auto)biográficas, se deu concomitantemente a essas minhas peculiaridades de observação, e estudando sobre a importância deste campo de pesquisa, descobri que as histórias realmente ensinam, principalmente quando elas são narradas. Mais à vontade me senti, quando descobri que através de um conto poderia registrar uma pesquisa científica.

1.4. *Fragmentos de uma professora em construção.*

“Janeiro de 2019, dia chuvoso por aqui, estava lendo *Mulheres que correm com os lobos* de Clarissa Pinkola Estés, uma escritora, poeta e psicóloga estadunidense, que ficou conhecida com este livro que, através de arquétipos, apresenta muitas histórias e mitos carregados de ensinamentos. Ganhei o livro de uma afilhada, linda e muito engraçada.

- Madrinha, ganhei este livro de um amigo, mas não tô a fim de ler agora, achei mais a sua cara.

Este livro estava me ajudando a compreender melhor os tão esperados 40 anos (que seriam completados em julho de 2019), durante a leitura me identifiquei com a força da mulher selvagem, da que através da ruptura de padrões, corajosamente seguiu sua trajetória enfrentando uma sociedade, que através do arquétipo da loba foi compreendendo e aceitando sua força, mas também sua vulnerabilidade, mas que só foi encontrando sentido em sua caminhada sendo livre para escolher viver sua verdade. Enquanto lia, recebi uma mensagem de uma amiga querida dizendo que o edital para aluna especial do mestrado em educação estava nas redes, e que eu deveria fazer. Me deu um frio na barriga, por se tratar do medo. Medo de não ser aceita, medo de me decepcionar caso isso não acontecesse, medo por achar tarde pra recomeçar... Olhei o edital e não sabia preencher o currículo lattes, e quando vi que teria que escrever uma carta justificativa, bateu outro medinho.

Respirei fundo e logo entrei em contato com uma outra amiga para me ajudar com as tecnologias, e logo fui escrever a carta. Escrevi o que realmente queria e porque tentava a vaga. Deu tudo certo no final, passei nessa seleção com a maior nota dentre os aprovados. Como fiquei feliz... minha insegurança por não acreditar em mim ardia até então. Obrigada ao professor Wolney, que eu tanto admiro, por ter lido, acreditado e no final da disciplina concluí-la com êxito e com tanto aprendizado. Melhor ainda foi ter me encantado com as narrativas (Auto)biográficas, a qual me identifiquei no decorrer do semestre, e por hoje ser uma pesquisadora neste universo teórico da história da educação.

A presente fase da minha vida, quase completando quarenta anos, é um momento muito particular para mim. Escrever esse memorial foi um verdadeiro presente, pois, surgiu logo após um período de busca constante por autoconhecimento. Sinto como se eu estivesse sendo preparada para isso em todos os meses anteriores, pois, sempre tive vontade de escrever sobre mim, de fazer minha (auto) biografia. Vejo a vida assim, como se tudo estivesse conectado.

Através da escrita e apresentação do memorial, que seria o trabalho final, tive a oportunidade de rever toda minha trajetória escolar, refletir hábitos, crenças e rótulos que me impossibilitavam de reconhecer outras possibilidades de aprendizado. Escrever sobre mim não foi uma tarefa fácil, lembrar, rir, chorar, diria que foi uma jornada terapêutica. Comecei a ver a sala de aula com outros olhos, eu já não fazia planos de aula apenas para cumprir uma regra pedagógica, comecei a planejá-las com um olhar mais humano, mesmo sabendo da diversidade que é uma sala com aproximadamente 20 alunos de todos os níveis sociais pertencentes àquela escola. Antes do memorial, quando tinha que iniciar algum conteúdo, nem sempre contava histórias geralmente isso acontecia nas disciplinas de Geografia e História, que é quando relacionava os conteúdos às minhas viagens. Depois do memorial e saber a importância das narrativas, passei a usar contação de histórias, (minhas ou não), em todas as introduções de conteúdo, e fui tendo um feedback positivo dos pais. Passei a observar mais ainda minha prática docente, e sempre atenta a história de vida de cada aluno através de atividades direcionadas para isso. Escrever sobre mim, analisar a evolução da vida ao longo dos anos, reconhecer que cada história de vida é única, peculiar e cheia de ensinamentos.

Enquanto escrevo resgato minha criança interior, lembro do quanto eu gostava de estudar (sempre estava no quadro de honra). Lembro-me do quanto eu era elogiada pelos professores, do quanto gostava de ler, de opinar, de socializar, de auxiliar o colega que tinha mais dificuldade (Memorial, 2020).

Me identifiquei por reconhecer nas histórias a eficácia de aprendizado mútuo, entre quem fala, quem ouve e quem escreve. “O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela.” (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 114).

Lendo novamente esse outro trecho do meu memorial, que tinha como tema: “Histórias, nossas histórias”, em uma releitura após três anos de escrita, diria que já não engatinho mais, já estou conseguindo caminhar com segurança, sempre observando o caminho, com muita cautela para que não me perca e que o recomeço já é.

Todo o aprendizado trago comigo e não pesa, pelo contrário, me torna mais forte e mais resiliente, disposta a seguir o caminho com coragem para vencer medos que outrora me distanciaram dos meus sonhos. Pude repensar toda a minha vida, o quanto cresci como pessoa e como profissional. Sinto-me como um bebê começando a engatinhar, não tão segura no que diz respeito as buscas de novos conhecimentos, mas confiante que é possível recomeçar (Memorial, 2020).

Após o término desta disciplina, fui pensar qual seria meu objeto de pesquisa e o que me instigava, e pensei em meu momento, aquele que estava vivendo, um medo gigante das transformações que iriam se desencadear após os 40, uma vontade de viver e conhecer lugares e pessoas, mas como? Sou professora, concursada, e ainda com 15 anos pela frente para depois então me aposentar. Abro um parêntese aqui para dizer que ainda neste período de 2019 vigorava a lei antiga de aposentadoria de professores, Lei nº 8.213, de 24/07/1991: “Art. 56. O professor, após 30 (trinta) anos, e a professora, após 25 (vinte e cinco) anos de efetivo exercício em funções de magistério poderão aposentar-se por tempo de serviço, com renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício (BRASIL, 1991)”; e eu acreditava que com 55 anos estaria aposentada e então poderia viver o que sempre sonhei. Doce ilusão, visto que no dia 12 de novembro de 2019 foi sancionada a

Emenda Constitucional n.º 103, que alterou os processos burocráticos que envolvem a aposentadoria. Sonho adiado... tanto o de me aposentar mais cedo, quanto o de tentar a vaga para entrar definitivamente na pós-graduação em educação ofertada pelo PPGEDUC- UFCAT. Outra vez o medo e a insegurança apareceram e desta vez foi mais cômodo deixar para o ano seguinte, e com o projeto pronto foi o que aconteceu.

Só tive coragem de tentar uma vaga em pleno 2020, ano de pandemia, aulas online, depois que alguém acreditou em mim primeiro, e esse alguém com certeza não fui eu. Trazia comigo desde a adolescência um medo terrível da reprovação, pois até a oitava série, que hoje corresponde ao nono ano, eu era uma das melhores alunas em todos os aspectos, comportamento, nota, interesse... ficava sempre em segundo lugar no “Quadro de honra”, que nas décadas de 80 e 90 era um sistema que todas as escolas públicas que estudei adotaram e que era para evidenciar o nome daqueles alunos que obtiveram a maior média final do bimestre.

Na época do vestibular eu queria cursar Jornalismo, porém, a cidade mais próxima que tinha o curso era Uberlândia e meus pais nem cogitaram a hipótese de me deixar morar fora, porque eles não confiavam em mim - e com razão, eu só queria festas e turmas - foi então que meu pai sugeriu que eu fizesse Pedagogia na faculdade chamada Cesuc, em Catalão. Ele alegou que minha irmã já estava neste curso, minha mãe já era professora, sendo assim poderíamos depois do curso criar a nossa escola. Como eu não tinha outra opção resolvi acatar o pedido dele. Toda minha rebeldia dos 14 aos 18 anos foi cessada assim que entrei na faculdade de Pedagogia, logo no primeiro mês. Nesse período minha irmã se tornou evangélica e começou a falar da Bíblia para mim sob outro ponto de vista; vários questionamentos foram surgindo e com tudo o que já havia vivido resolvi frequentar a Igreja e aos poucos fui mudando meu comportamento. Durante os três anos e meio de faculdade fui dedicada aos estudos, compromissada, notas boas... não era a melhor da turma, mas, tinha muita vontade de aprender (Memorial, 2020).

Após a conclusão da graduação, havia um desejo enorme de fazer mestrado, mas como não me via capaz para tanto, resolvi adiar, sem experiência alguma em sala de aula, resolvi fazer um curso de aperfeiçoamento (não reconhecido pelo MEC), ofertado por uma organização missionária, que utiliza o acampamento como metodologia de ensino, e este no caso seu público-alvo eram crianças e adolescentes. Na América do Norte é muito comum as escolas terem visitas a esses acampamentos como parte do currículo escolar. Viver por 10 meses em regime de internato me

ensinou algumas coisas importantes que trago para a minha prática até hoje, como por exemplo, fazer uma aula de culinária em que os alunos aprendem na prática, e assim fui quebrando meus próprios paradigmas de um sistema tradicional de ensino.

Ao concluir o FEAC (Formação de executivos em acampamentos) em janeiro de 2002, percebi que não queria trabalhar com isso, que gostaria de ter uma experiência em sala de aula, e que aqueles 10 meses foram importantes, mas meu lugar não era lá. Consegui uma vaga como professora na cidade de Três Ranchos-Go, no período vespertino, ficando no estado por 3 anos no total (2002, 2003, 2006). Gostei muito da experiência, mas a instabilidade por ser contrato me incomodava, e decidi que só voltaria a trabalhar na educação quando passasse em um concurso público, o que aconteceu em julho de 2010, sendo nomeada em fevereiro do ano seguinte.

Bem, vamos voltar no processo seletivo para o mestrado e sua importância neste processo evolutivo do (meu)saber. A insegurança foi amena até a entrevista, foram três dias e o resultado final é poder estar aqui compartilhando através de histórias de vida de outras professoras, para que juntas possamos nos reconhecer, dividir para somar, através de uma escuta livre de qualquer julgamento, apenas uma compreensão facilitadora do quanto as narrativas autobiográficas são didáticas e curativas.

1.5. Procurava o passado no presente, e lentamente fui identificando minha gente (Cora Coralina)

Durante esse tempo do mestrado, até o momento que escrevo minhas experiências de observação, vivência e aprendizado, me propus fazer deste meu ano sabático. Aproveitei que teria uma agenda mais flexível e por essas aulas serem online no primeiro semestre, me programei para fazer tudo que tinha vontade de fazer caso fosse aposentada, foi como um laboratório, para cada partida um desejo de conhecer um novo lugar, uma nova cultura, nova culinária, novas pessoas, experiências e vivências. E para cada novo retorno de volta pra casa, a certeza que ter raízes e um lugar para voltar, aquecia meu coração.

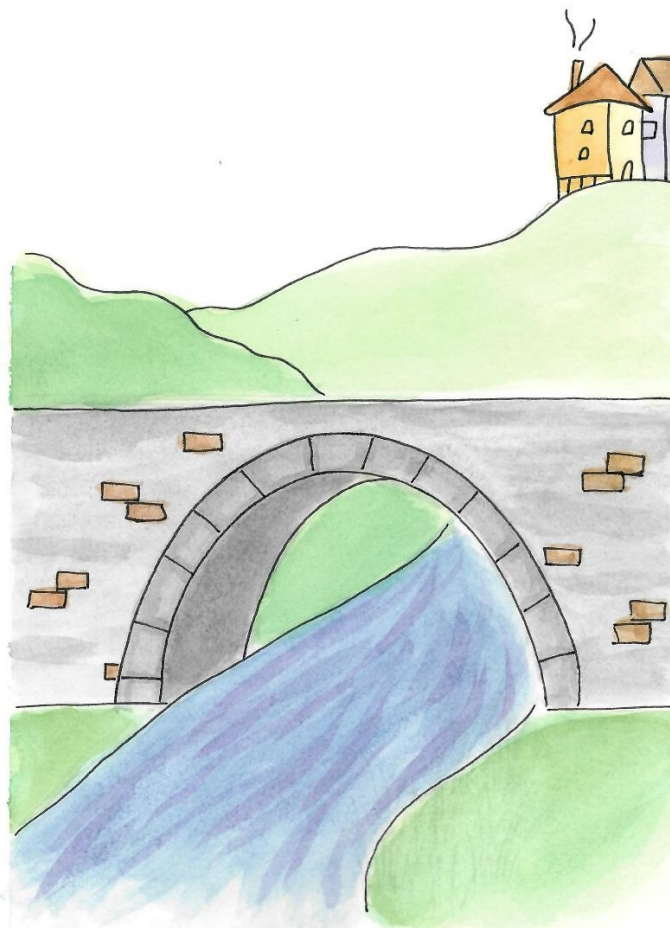
Algumas pessoas que conheci pelo caminho me perguntavam se eu trabalhava e eu contava um pouco deste ano sabático e sempre falava sobre o tema dessa pesquisa. Algo que chamou muita atenção foi o olhar dos homens, dois deles, na

média de seus 60 anos, me questionaram e mostraram ser para eles um tema relevante, ambos disseram que eu teria que publicar minhas experiências. E neste lugar que falo agora, falo como observadora. O envelhecimento por mais avançadas tecnologias que temos para aparentemente suavizar as rugas e linhas de expressão, ele gera em mim questionamentos até então inimagináveis. “Já procurei no Youtube mulheres falando sobre os 40 anos e não tem quase nada sobre isso” Disse um amigo meu formado em marketing em uma conversa aleatória.

Sigo nessa travessia, quero viver para então aprender... sobre a vida, lugares, conhecer histórias e escrever a minha.

CENA 2. A MULHER DA PONTE DA FONTE

Figura 2 – A ponte



Fonte: Obra de Sofia Paglarini (2023).

Verão de 2022, Ísis estava em sua melhor hora do dia, o que ela chama de “Hora Sagrada” (não tem regra, ou seja, não tem horário específico, é quando ela deseja), em um cantinho especial de sua casa, um espaço que ela tem o hábito de receber pessoas queridas. Lugar singelo, com algumas plantinhas (manjerição não pode faltar, ela adora saber que tem mãos boas pra plantar essa erva) e algumas mandalas pintadas por ela, quando quer desligar de tudo e focar no presente. Ali ela pinta, medita, faz suas orações... e com isso acalma e organiza as ideias.

Neste dia, tomava seu café e olhava o céu agradecendo por mais um pôr do sol e por tudo que tinha vivido até ali. Havia algumas inquietações, questionamentos sobre a vida e sobre si. Ao som de uma canção “Rezo do Fogo”, e sob a leve fumaça de um incenso, aparece uma notificação de uma amiga:

- Ísis tô chegando, pode fazer o café.

Ela então mais que depressa, toda contente por receber uma visita inesperada foi logo montar a mesa, com uma toalha quadriculada vermelho e branco, e seu jogo mais bonito de cerâmica, feito pelas habilidosas mãos de Edith, uma mulher de muito bom gosto que sempre postava peças lindas no Instagram.

Mesa posta, café pronto, alguns pães de queijo no forno, sua amiga Sayuri chegou toda feliz, sorriso radiante, energia incrível, toda barulhenta, mas quando se sentavam para filosofar, as palavras e percepções de Say (era assim que ela era chamada) falavam perfeitamente ao coração de Ísis... ela precisava ouvir algo que a fizesse refletir sobre si.

Uma lágrima caiu de seu olho e logo depois Say lhe diz:

- Você é a mulher da ponte da fonte

E completou:

... da Índia

Ísis logo perguntou:

- Como assim? De onde tirou isso? Não entendi

Ela disse:

- Também não sei, só sei que você é a mulher da ponte da fonte...

E continuou:

... você vai descobrir

Ísis ficou em silêncio por uns instantes enquanto Say fazia mais café. Ela sabia que aquilo era uma metáfora, e ficou instigada e pensativa. Essas palavras ressoaram profundamente em seu coração e ela disse em seu interior: preciso ir em busca dessa mulher que não reconheço em mim.

Lembrou então das palavras de um mentor que fez amizade há pouco tempo, Giddens, um estudioso da modernidade e alta-modernidade, sociólogo britânico que já escreveu mais de 30 livros e um vasto currículo acadêmico, sendo uma de suas teorias, defender a modernidade reflexiva, ou o que ele denomina de alta modernidade. Tem muito de Giddens em Ísis que busca viver uma vida com recursos tecnológicos, racionais, próprios da modernidade, aliada a reflexão, que é o que ele chama de modernidade reflexiva.

Ela adora a correria do dia a dia, mas necessita de um tempo para refletir.

“O eu tem uma trajetória de desenvolvimento a partir do passado em direção ao futuro. A trajetória do eu tem uma coerência que deriva de uma consciência cognitiva de várias fases do eu”. Anthony Giddens

Lembrando dessas palavras e de todas as sensações que nos últimos três anos a incomodavam, sendo uma delas pensar sobre o envelhecimento, já que estava prestes a completar seus temidos 43 anos; e sobre as inúmeras possibilidades de sonhos que ela tem vontade de viver, mas que pra ela até aquele momento só poderia se aventurar após sua aposentadoria, resolveu fazer de 2022 um ano sabático, onde ela sairia em busca de experiências e vivências totalmente diferentes daquelas que ela trazia em sua trajetória de vida, que carinhosamente ela chama de 'mochila de afetos'. Falou pra si mesma que podia viver um pouco do que sempre desejou agora, e que não precisaria esperar 15 anos.

E mais uma vez lembra de outra frase de Giddens: *“Manter um diálogo com o tempo é a base da autorrealização porque é a condição essencial para alcançar a satisfação a qualquer momento- de viver a vida plenamente. O futuro é pensado cheio de possibilidades”*

Ela queria experimentar uma nova fase do eu, mas ela sabia que teria sim que olhar para o passado.

Naquele momento, decidida, olhou para o céu e de braços abertos e voz alta jogou pro Universo: “estou aberta pra viver o novo”. Foi logo pra internet pesquisar para onde e como ir. Pela primeira vez disse que seria um ano onde a prioridade da sua vida seria ela mesma.

Tudo muito caro, não conseguiu encontrar nada compatível com o que ela buscava e tinha condições de pagar, aquietou o coração e foi dormir. No dia seguinte antes do meio-dia, eis que lhe apareceu a primeira opção com o nome Lobas, preço acessível e uma mulher indígena seria a personagem principal daquela roda de mulheres. Quinze dias depois estava lá, junto com outras Lobas inclusive Say, e uma outra amiga que ela reencontrou após alguns anos, a Trixx. Sabe aquele trio que precisava viver essa experiência linda? Foi o que aconteceu.

Colecionando experiências

Ísis se sentiu pertencente a um ambiente onde ela não se sentia diferente, onde ela pudesse ser ela mesma, com suas roupas largas e confortáveis, de pés no chão, sentada em círculo diante de uma fogueira, rodeada de mulheres dispostas a ouvir, compartilhar, dançar. Falavam sobre filosofia, história, espiritualidade de uma maneira tão leve, sem aquele peso de regras já pré-determinadas. E na construção desse 'eu', se lembrou de sua adolescência e da forma como ela via a vida. Era assim que ela sempre desejou ser, vestir, viver, mas por medo da rejeição por estar fora dos padrões

normativos de uma sociedade moderna na década de 90, trazia consigo uma mulher cheia de crenças do que era certo e errado diante dos outros, mas que lhe fazia muito mal, se sentia muito livre pra ficar dentro de caixinhas.

“A reflexividade do eu se estende ao corpo, onde o corpo é parte de um sistema de ação [...] Experimentar o corpo é uma maneira de tornar coerente o eu como um todo integrado, uma maneira de o indivíduo dizer ‘é aqui que vivo’.” Giddens

Foram dois dias de paz e uma energia que reverberou por semanas fazendo-a pensar, refletir e naturalmente ir mudando alguns hábitos em sua rotina.

No final dessa vivência, a indígena chamou-a de lado e lhe disse:

- Você tem descendência indígena, vai em busca da sua ancestralidade

Ísis de olhos arregalados e sem entender muito bem respondeu:

- Tá bom, eu vou!

Ela que cresceu em meio a padrões rígidos, em uma sociedade que preparava a mulher pra casar-se, ter filhos, ser submissa, seu desejo quando jovem não seguia essa linha de pensamento. Devido a questões e padrões religiosos, acabou se privando de viver realmente como queria. Porém, depois dessa primeira experiência ela entendeu que poderia ser e viver como quiser, afinal ela é uma mulher livre...

Livre de rótulos

Livre de preconceitos

Livre por escolha

Decidiu novamente viver outra experiência, foi conhecer uma vila do interior de Minas, Ibitipoca, e desta vez foi apenas com sua amiga Trixx e todos outros eram desconhecidos, pessoas que nunca havia visto antes e um detalhe: quase todos mais novos que ela. Mas isso não a intimidava, logo ela que entrosa fácil e gosta de conversar, fez amizade antes mesmo de sair do local de partida. Mesmo assim a luta interna dessa vez era como dizia Clarissa, autora de seu livro preferido, “A Ciranda das Mulheres Sábias”, que vez ou outra aparecia com seus ensinamentos: “Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem”.

Ardia nela um imenso desejo de viver, de conhecer pessoas e lugares, e em cada um deles se reconhecia no outro, se identificava e voltava pra casa mais curada, mais liberta, e certa de que estava trilhando o caminho que a aproximava da tal ponte que ela nem fazia ideia de onde estaria.

Quando voltou desta experiência escreveu em seu diário, que carinhosamente ela chama de: Diário Dê bordo

Querido diário, cá estou finalizando mais uma viagem cheia de boas energias e com as forças renovadas pra voltar pra rotina (que também gosto). A vila tem um charme que só indo pra entender...

Mais uma vez fiz o que gosto, conheci pessoas fantásticas, dentre alguns nativos que me contaram como é viver naquele lugar, sinto como se tivesse alma cigana (rsrsr), acho que tenho!

Sabe, eu tava com saudade de mim. Estou vivendo a relação mais linda de amor...

...comigo mesma.

Depois de um mês sem nenhuma ideia do que fazer no feriado de Corpus Cristi, sua amiga Say a convence de irem juntas ao Forró da Lua Cheia, que Ísis já tinha ido em 2018, mas não tinha gostado. Decidiu quebrar mais essa barreira dentro dela, e logo se inscreveu, foram 4 dias de arte, cultura, liberdade, identificação e claro, a fogueira. Com aquele enorme grupo de pessoas diversas (aproximadamente dez mil pessoas), uma pluralidade que a envolvia apenas observando aquela gente bonita, vestidas de si.

Quando ficava por horas e horas silenciosa observando tudo isso, lembrava sempre de Darcy Ribeiro, sim ele mesmo, que foi ministro da educação, que ajudou a fundar a UNB, que demorou 30 anos pra escrever seu último livro “o povo brasileiro” e um grande estudioso e defensor dos povos indígenas. Chegou a falar pra Say em um momento:

- Say, tô aqui observando essa pluralidade de pessoas, de todas as idades, com todos os estilos diferentes de roupas e com toda essa arte envolvida (dentre eles, congadas e cantos indígenas), essa é uma prévia do Brasil que Darci sonhava.

Say logo perguntou:

-Quem é esse Darcy?

Rapidamente Ísis explicou quem era e o que idealizava para nosso País, e ainda acrescentou uma frase desse intelectual brasileiro:

“Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito mais difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante.” Darcy Ribeiro

A fogueira mais uma vez foi essencial para aguçar as percepções durante o Festival, ali era o momento que ela contemplava a lua, as estrelas e sentada durante

horas observava e compreendia melhor sua ancestralidade. Foram dias de um mergulho profundo de autoconhecimento e contemplação.

De volta pra casa, ela que já tinha o hábito de usar o incenso em sua casa, para perfumar e aumentar a vibração, decidiu sempre usar uma vela (já que não tinha como fazer uma fogueira), para que assim ela pudesse se conectar com o fogo e com sua ancestralidade. Ela acredita que o fogo ensina, cura e aquece tanto o corpo em dias frios, quanto o coração.

Já era junho e uma outra vivência surgiu inexplicavelmente, com o nome, “Caminho de conexão”. Dessa vez foi sozinha, rodou 300 km ida e volta. O fogo mais uma vez estava presente, era um lugar que foi feito especificamente pra isso, todo projetado com um jardim e grama imensos, uma represa, alguns pergolados, uma iluminação que a noite brilhava os olhos e a alma; servia café, chá e comidas veganas, assim como aquela feita pela indígena.

Concentrada naquele momento, absorvia a energia intensa que sentia, é como se ela se fortalecesse, sentia animada, viva, cada dia mais se preocupando menos, e vivendo o aqui e agora com plenitude, de forma consciente.

Segue por mais duas semanas em seu silêncio diário, e algumas vezes se encontrava com Say e Lóris, uma outra amiga, que tinha dois oráculos, o da natureza e o das Deusas, e elas adoram se reunir para a partir das cartas abrir uma roda de conversa com ensinamentos e direcionamentos que as fazem refletir quando se encontram em meio ao incenso e a vela, ali elas podem falar do que acreditam sem julgamentos. Momento que cantam, riem, filosofam, rezam, choram, sem cobrança, sem olho torto, apenas sendo quem são, livres pra compartilhar suas dores, suas mágoas, seus desconfortos umas com as outras e consigo mesma; despertas pra entregar suas verdades e mostrar o quão são vulneráveis e frágeis, porém, na mesma intensidade possuem uma força que surpreende até elas mesmas.

Novos insights foram surgindo durante esse tempo após o último ritual que participou, novas oportunidades foram surgindo, sincronicidades que a faziam pensar o quanto é bom viver com menos ansiedade, se entregando ao fluxo da vida com responsabilidade (é assim que ela sempre diz quando quer ensinar suas duas filhas adolescentes a não serem ansiosas...), cada minuto surpreende, e para ela é como se houvesse magia em tudo isso. E quem pode afirmar que não há?

Durante esse tempo e seu convívio com sua família ela compreendeu de forma clara uma frase de Clarissa, *“Quando uma pessoa vive de verdade, todas as outras*

também vivem”. Ela percebeu a mudança e escreveu mais um trecho em seu diário para deixar registrado seu aprendizado.

“Querido diário, estou a cada dia descobrindo minha verdade, e a focar primeiro em mim, depois no outro. Com o tempo descobri que preciso estar bem comigo, pra estar bem ao lado daqueles que amo”.

Segue ela então para a última vivência, viaja sozinha 657km até o destino, no interior de São Paulo. Uma jornada se inicia... o InterSer dessa vez seria o responsável por novos encontros e oportunidades de aprendizado, tendo sempre a fogueira como protagonista e junto com ela a lua que ilumina, o friozin que envolve, e uma roda de pessoas iluminadas brilham naquele lugar. Uns traziam seu jeito engraçado que Ísis ria absurdamente alto (uma de suas características marcantes), outros com um poema de Manoel de Barros (que carinhosamente ela o chama de Manuelito), outros com uma canção que barulha suave no seu escutar, e aqueles que traziam seus poemas escritos a mão (grupo do qual ela fazia parte).

Ficou hospedada na casa da árvore, que tem o nome de “Ninho da manga”, e quando estava lá a noite, já recolhida ouvindo o som dos pássaros e sabendo que haveria um sarau no dia seguinte, resolveu escrever. De lá surgiu uma poesia, que teve como fonte de inspiração Manoel de Barros.

Pela primeira vez quebrou seu primeiro paradigma autoral, teve coragem de ler e interpretar sua primeira escrita criativa.

“O barulhar”

Silêncio sùtil

Harmonia sem igual

Silêncio tal que escuto a barulhá

Me recordo de Manuelito, meu amigo

Com quem tô aprendendo a prusiá

Barulhar tem gosto de barulho bom

De encantamento

De conectar

...de lembrar que hoje é dia de portal,

De cocriar

Sigo eu então a me perguntar: o que pensar?

Daí me lembro do barulhar

Que me traz à tona o sentir

O desejar

O emanar

O me dispor

Pra esse universo interin

E dizer bem assim:

CÁ estô !!!!!

InterSer- 07/07/2022

Trazia consigo algumas inseguranças, e o medo de não agradar sempre foi um obstáculo pra ela desenvolver sua verdade, o medo da comparação sempre a acompanhou até alguns meses atrás, mas devido a toda expansão da consciência que vinha se manifestando, ela foi vencendo cada um de seus medos e a coragem de vestir de si passou a fazer parte de sua nova roupagem. Mais leve, menos preocupada, pois entendeu que não tem controle de nada e que de nada adianta focar no futuro com medo dele. Olha pro agora e o recebe com gratidão, certa de que a lei da sementeira é infalível.

Como ela estava em um momento totalmente no fluxo, seguiu viagem sem destino certo, se despedindo de pessoas incríveis, com os quais aprendeu muito e com certeza, deixou um pouco de si. Seguiu pra tomar café com dois desses seres iluminados até que decidisse pra onde ir, e com muitas risadas e muito amor, ela ficou algumas horinhas com eles que eram bem mais novos que ela, mas que isso a permitia se sentir jovem também. Ela já não se sentia diferente, ela entendeu que podia sim ter esse espírito alegre, vivo, cheio de sonhos que a juventude proporciona, aliado com a parte boa da maturidade, que é o poder de escolha, a independência financeira, uma junção perfeita.

Neste meio tempo, entre o café e a despedida, chega uma mensagem de um amigo:

- Tem que ir pra essa vila, sua cara lá, vai logo pra Visconde de Mauá no RJ.

Ela não pensou muito, lembrou de mais uma frase que um dia escreveu em seu Diário Dê bordo: “Quando não sei qual caminho a seguir e a decisão só cabe a mim... escolho aquele que meu coração sente paz.” Olhou no Gps a distância e foi por mais 500 km, com friozinho na barriga e paz no coração, em uma estrada totalmente desconhecida, ouvindo suas músicas, e continuando uma aventura inesperadamente desprogramada.

Ficou encantada com aquele lugar que brilhava seus olhos, bem do jeito que ela gosta mesmo, tem artesanato, brechó com antiguidades, restaurantes bons e com preço acessível, pois é só na base da economia que uma professora consegue viajar. Foi recebida pela jovem senhora Cris com um olhar que a abraçou, e por lá ficou por uns dias, experimentando sensações desconhecidas até então.

Segue ela para seu último dia de aventura, queria conhecer Maringá, outra vila, distante 5 km de Mauá.

Enquanto caminhava em passos lentos, vendo as lojinhas de decoração, se deparou com uma ponte no meio da vila, pra ela era só mais uma ponte, e conversando com uma moça que vendia artesanato, a moça explicou que a ponte que sobrepunha o Rio Claro era exatamente a divisa do Rio de Janeiro com Minas Gerais, ela achou aquilo inédito, e falou pra moça:

- Por isso eu viajo sabe, pra conhecer detalhes como esse que eu jamais saberia se não tivesse coragem de sair em busca de experiências e poder conhecer lugares tão lindos.

Agradeceu a moça pela prosa e seguiu passeio conhecendo a vila até encontrar um banco perfeito de madeira bem em frente a ponte da divisa. Sentou com uma água na mão, ficou olhando para a ponte e se lembrou do que a amiga Say havia lhe falado sobre a mulher da ponte da fonte... e ficou ali refletindo todas as vivências que tinha experienciado, as conexões com as fogueiras e os hábitos e costumes vindos dos indígenas, e o quanto ela estava aprendendo a se amar mais, a olhar pra ela com carinho, o quanto ela já sofreu por ser diferente, a única morena da família, em um tempo que as piadas com cor de pele eram abusadas... e ela passou toda a sua infância e adolescência não aceitando a sua morenidade, desacreditando de si, autoestima baixíssima. Muitos conflitos internos foram sendo deixados ao longo do caminho, mas ela ainda não se reconhecia como a mulher da ponte da fonte.

Enquanto as reflexões surgiam, chega uma mensagem de sua tia que estava em Goiás:

- Eu acho que tem um primo da minha mãe que tem pousada aí. Ele é do Rio de Janeiro

Passou as informações que Ísis precisava, mas ela estava tão bem ali quietinha que decidiu ficar por mais algumas horas, até que precisou ir ao carro buscar um casaco. Entre a ponte e a ida no carro ela olhava tudo ao seu entorno e despretensiosamente viu uma placa com o nome da Pousada que a tia havia falado.

“Pousada dos Amores à 100 metros” Não pensou duas vezes... entrou e se apresentou pra recepcionista como a prima desconhecida... Foi muito bem recebida pela moça que após uma ligação pediu para que esperasse pelo primo. O que ela tinha naquele momento a não ser tempo? Logo respondeu:

-Sim, vou esperar.

Edu chegou, se apresentaram, ele é uma geração a mais que ela, e tentavam entender, quem era filho de quem, quem era o tio, a prima, foi bem confuso esse reconhecimento (risos), mas logo já combinaram uma cerveja e uma prosa ao entardecer. Seu primo levou um amigo que havia jogado na seleção brasileira de vôlei nas Olimpíadas de 84 em Los Angeles, momento em que o Brasil ficou com a medalha de prata. Foi um dia com muitas histórias, risadas e claro, pautas sérias também.

O momento mais impactante para ela foi quando o primo disse que Ísis teria a cor de sua falecida irmã, a mesma prima que a mãe de Ísis lhe falava quando ela questionava seu tom de pele, e sua mãe ainda dizia toda vez:

- Sua bisavó tem descendência indígena e nós temos uma prima do Rio de Janeiro que parece uma índia.

Quando Edu falou isso pra ela, da mesma cor da pele e que eram parecidas, foi como um afago em seu coração, é como se ela tivesse ganhado um presente. Silenciosamente seu coração sorriu, uma sensação até então desconhecida, que visitou a memória, seu passado, um filme voltou na sua mente... ela disfarçadamente pediu licença e foi até o banheiro pra deixar a lágrima escorrer.

Lágrima de saber que sua mãe falou a verdade, lágrima de alegria de ter andado tanto pra descobrir que aquela criança ferida estava sendo curada exatamente naquele momento, perto da ponte.

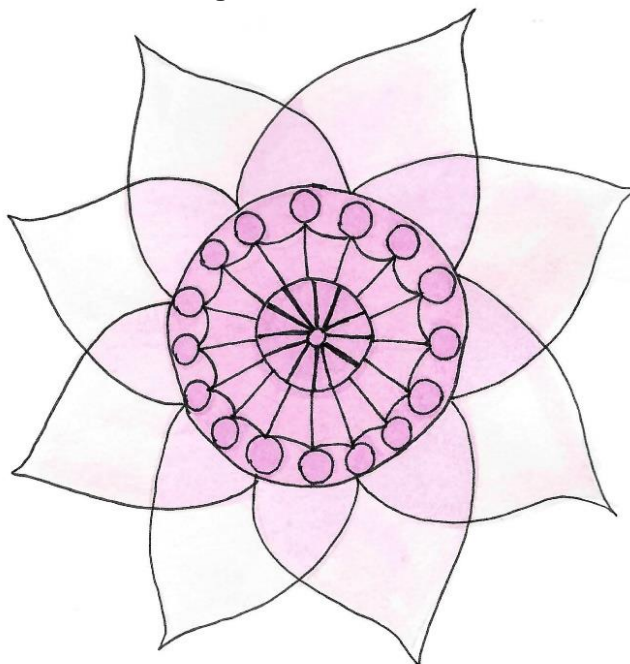
Foi um momento único, daqueles raros, conversaram sobre tantos assuntos, como envelhecimento, política, viagens, histórias divertidas e engraçadas e durante umas quatro horas desfrutaram de momentos que Ísis guardou em um cantinho especial na sua mochila de afetos. Se despediram e no dia seguinte ela acorda bem cedo, arruma a mala, se despede daquela jovem senhora que lhe ofereceu um café com pão amanteigado e com lágrimas nos olhos, depois de um abraço apertado, segue seu caminho de volta pra casa.

Ela está se encontrando em meio as todas as experiências, mas ainda falta a fonte... da ponte, mas ela disse a ela mesma:

“Agora é com você Ísis, reconheça-te”.

CENA 3. ESPELHOS

Figura 3 - Mandala



Fonte: Obra de Sofia Paglarini (2023).

Escrever demanda tempo, leitura, análise e reflexão. Neste capítulo, é apresentada uma descrição das entrevistas realizadas junto a duas professoras da Educação Básica do município de Ouvidor, Goiás. A escrita está apresentada em forma de conto. Para assegurar o anonimato das participantes, fez-se uso dos nomes de duas professoras brasileiras que receberam notoriedade e reconhecimento em âmbito nacional no século XX: Anália Emília Franco Bastos e Magda Soares.

Anália Emília Franco Bastos foi jornalista, professora, escritora, poetisa, e filantropa brasileira. Em 62 anos de vida, fundou mais de setenta escolas, vinte e três orfanatos, dois internatos, um centro de reabilitação para mulheres, uma banda feminina de rock, uma orquestra, uma trupe dramática, e vários escritórios fabris em vinte e quatro cidades rurais e capitais. Foi responsável pela criação de diversas Escolas Maternais e Elementares. Em 1902, criou o Liceu Feminino, com o curso de dois anos para as professoras de Escolas Maternais (MONTEIRO, 1992).

Já Magda Soares, que faleceu aos seus 90 anos em 2023, foi professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A educadora produziu uma extensa literatura envolvendo aspectos da alfabetização e letramento. Ao estabelecer uma parceria com a Secretaria Municipal

de Educação de um município de Minas Gerais, contribuiu com a transformação das práticas educativas de 24 escolas e quase 500 professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Fundamental (CARVALHO, 2023).

3.1. Constituir-se professora

Era noite de lua cheia, havia vela, incenso em seu altar costumeiro e uma pirâmide já desgastada com o tempo de cor bronze que Ísis comprou em um Antiquário em uma das suas viagens aleatórias. Recordava e analisava o diálogo que teve com duas professoras, Anália e Magda, por aproximadamente duas horas em uma manhã de primavera.

Ísis se sentou com Anália primeiro e depois com Magda, em uma sala disponível na instituição de ensino onde atuavam.

O encontro, que seria norteado por algumas questões definidas por Ísis, foi agendado com uma semana de antecedência. Essas duas professoras, mediante consentimento da Diretora da escola, decidiram participar da pesquisa que muito inquietava Ísis, que ao longo dos últimos anos havia se dedicado a compreender aspectos relacionados à docência, mais especificamente sobre o processo de aposentadoria.

Anália tem 54 anos, é graduada em Pedagogia e Geografia, além de possuir cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu. De origem mineira, veio para Goiás em 1991, logo após concluir o magistério, sendo efetivada no estado ainda sem concluir a Pedagogia, pois era permitido tomar posse apenas como PI¹.

Já Magda, também com 54 anos, é goiana e possui formação superior em Educação Física e Artes Visuais.

Após o café, elas se encontraram na mesma sala da entrevista anterior, Ísis falou um pouco de sua pesquisa, perguntou-lhes se poderia gravar, elas responderam positivamente e assim deu início ao diálogo.

¹ A divisão da carreira docente na Educação Básica geralmente segue a seguinte lógica: Professor PI – formação em nível médio na modalidade normal; Professor PII – formação em nível superior Licenciatura Curta; Professor PIII – formação em nível superior Licenciatura Plena ou outra Graduação correspondente às áreas de conhecimentos específicos do currículo com formação Pedagógica, nos termos da Legislação vigente; Professor PIV – profissional mantido no quadro permanente após cumprimento do Estágio Probatório.

Ísis iniciou pedindo a elas que falassem um pouco da sua trajetória escolar desde a infância. Nesse momento, a pesquisadora busca compreender se a docência sempre esteve presente na história dessas professoras.

Anália - Quando criança eu queria ser na área da saúde pra ajudar nas salas de cirurgia, e fazer igual, por isso te falei agora mesmo que eu sou igual bombril. Eu fazia, aplicava injeção, porque lá na roça né... e assim, porque era muito curiosa.

Anália ainda complementa...

Anália - E aí antes eu queria ser enfermeira e via minha tia aplicando injeção, todo mundo da região ia lá pra minha tia aplicar, e eu: - madrinha deixa eu aplicar também, a senhora me ensina? – Ensino. Mas se doer? Não, não dói, a agulha é fininha... então tá bom. Aí comecei a fazer, e não tinha dificuldade em lidar. Hoje não, hoje eu sou muito mole, vejo sangue amolece tudo, é uma moleza danada. Mas antes era na área da saúde... aí depois sim, depois que queria ser professora, mas era de Letras, queria fazer era português, que não deu certo, mas não deixei de dar aula de língua portuguesa, acabei dando também. E o meu magistério também já foi voltado né pra educação, porque já era. Só porque é educação infantil e eu não gosto de criança pequena.

Anália - Eu terminei o magistério lá em 91, vim pra cá pra fazer a Pedagogia, antes de sair da Pedagogia eu já comecei no concurso, antes de terminar a graduação. Naquela época antes de ter a graduação já podia, só que aí a gente entra como P1 né. Aí o concurso foi para todos P1, não tinha graduação, e aqui na escola não tinha ninguém formado ainda, ninguém, ninguém, nenhum professor não tinha formado.

Magda demonstrou interesse no relato de Anália, afinal, suas histórias eram repletas de aproximações e distanciamentos, que demonstram como a formação docente, no século XX, era influenciada por diversos fatores. Nesse momento, Magda deu início ao seu relato...

Magda - Eu sempre tive que sair pra estudar fora desde pequena (risos). Eu fiquei um mês na casa da minha avó materna e depois quando eu fui pra Uberlândia eu tive que ficar na casa da minha avó paterna, aí eu ficava lá de segunda a sexta, porque meus pais moravam na fazenda. Aí chegava na sexta meu pai me buscava e passava o final de semana lá, segunda-feira cedo meu pai me levava de volta pra Uberlândia, ficava com minha avó. E era assim, eu ia pra escola sozinha, tinha uns vizinhos que a gente ia junto, mas eu não tenho lembrança da minha avó sentar

comigo, vamos fazer tarefa, era eu, só que quando eu fui alfabetizada pela minha mãe na fazenda, o que a professora ensinava na sala de aula eu já sabia tudo, eu já sabia ler, escrever tudinho.

Magda - Eu terminei com 17 anos em 1985. Eu fui alfabetizada em casa, a gente sempre teve essa relação de morar na fazenda né, então quando eu... eu sou de Goiás, nasci aqui em Goiás, nasci em Goiatuba, na época meu pai tinha fazenda lá, e aí depois vendeu de lá e comprou em Uberlândia-MG, aí a gente mudou pra uma fazenda pertinho de Uberlândia, e eu com 5 anos fui alfabetizada pela minha mãe na fazenda. Minha tia, madrinha, madrinha Alda era professora e madrinha Aurita também, e a madrinha Alda era de alfabetização, então ela passava, naquela época era a cartilha né, Caminho Suave, era cartilha, e as outras atividades, então minha mãe era todo dia...

Ao observar esse resgate de memórias, Ísis percebeu como as professoras se expressavam de formas particulares mediante a apresentação das questões. Enquanto Anália sentia maior interesse em detalhar suas diferentes vivências em um plano mais amplo, Magda tecia apontamentos de forma mais específica, com foco em suas experiências com a educação.

Uma das curiosidades de Ísis, que permaneceu mesmo após essa primeira exposição, era saber se ser professora foi uma escolha, e atenta ouviu as professoras:

Anália - Uma escolha acredito que sim e foi uma oportunidade também porque assim, foi o que mais... (respirou e continuou) apareceu né, é igual eu te falei, depois do magistério, já estava no caminho, o que eu tinha? Só tinha duas opções, ou magistério, ou contabilidade, e eu não sou da exata. Então partindo, indo para o magistério já foi o primeiro passo né pra educação E todo mundo sempre falava, 'Anália você tem jeito pra professora, você tem muita paciência', eu tinha muita paciência, muita, mas só que eu falava muito baixo, e aí depois que eu fui corrigindo essa voz pra poder tentar falar mais alto; mas eu falava muito baixo e tinha paciência demais, depois você vai ficando mais velha vai ficando enjoada (risos). Ehhh vai ficando enjoada, mas eu acredito que foi uma escolha. Me dei bem graças a Deus, sou feliz, não me arrependo. Igual assim eu queria ter ido pra saúde, não me arrependo de ter ficado na educação.

A fala de Anália, permeada por sentimentos conflitantes, demonstra como a escolha da docência, embora seja atualmente entendida como um ato voluntário, foi

influenciada por um conjunto de fatores que limitou o leque de possibilidades de formação.

Já para Magda:

Magda – Foi acontecendo, tanto é que, igual eu falo, a vida da gente não adianta você reclamar, ahhh se eu tivesse isso, se tivesse feito assim e assado hoje eu estava melhor... se eu tivesse feito magistério na minha época de ensino médio né, eu teria passado no primeiro concurso, que eu não pude porque eu não tinha, eu não precisava averbar, eu já teria tantos anos, eu já estaria aposentada. Se eu não tivesse feito a escolha de sair pra trabalhar na prefeitura, eu não tinha que descontar os quatro anos, eu já estaria aposentada, entendeu? Tá! Mas foram escolhas que eu fiz, ninguém pôs uma arma na minha cabeça, ninguém me obrigou. Na época era o melhor pra mim, quando eu escolhi o ensino médio, na época pra mim era o melhor, foi uma escolha minha, quando eu escolhi ir pro (preciso entender essa palavra), foi escolha minha, né eu fui mal informada num ponto na época, principalmente quando eu fui pra prefeitura, que foi a questão de que eles me informaram de que, por eu ter ficado dois anos no laboratório de informática, automaticamente eu já tinha passado para o administrativo, eu não poderia mais nunca aposentar como professora, só que não é a verdade, você pode desde que você desconte esse período. Então se na época eu tivesse informação, provavelmente as vezes eu não tinha ido, porque eu saberia que isso ia me atrapalhar e eu só descobri isso depois que já tinha ido, então... Mas é igual eu falei, foi uma escolha minha. Foram escolhas se eu ficar me lamuriando quem sofre sou eu e não vai mudar em nada, então, vamos embora, estamos aqui graças a deus com saúde e seguir pra frente, não tem jeito de voltar rsrs...

A pesquisadora perguntou se em algum momento da vida as professoras pensaram em desistir da carreira e acrescentando se pudesse voltar no tempo, você teria feito outra graduação, ou nunca parou pra pensar sobre isso?

Anália – Não, só como eu te falei que quando eu era pequena que eu queria ser enfermeira, mas enfermeira de centro cirúrgico, pra ajudar a fazer cirurgia. Mas não, aí depois que eu entrei, tudo quanto é curso que tinha, eu queria ir. E a gente tinha muita oportunidade de fazer, a gente ia pra Pirenópolis, sabe, ia pra Caldas Novas, tudo o quanto é curso, em Catalão, onde que tinha se fosse gratuito eu tava lá (risos). Nossa eu tenho diplominha demais lá em casa.

Magda - Bom primeiro, desistir eu não podia nunca porque eu sou concursada e eu não sou boba (risos), e nunca tive uma oferta tão melhor

Ísis – Hoje você faz quantas horas?

Magda - Hoje eu faço só 40 também por opção minha, não acho que compensa demais o excesso, fiquei o ano passado com 60, é muito, muito, muito desgastante, aí a idade já vai pesando...

Aproveitando esse momento, conversaram sobre qualidade de vida e a professora entrevistada salientou:

Magda – Então isso é que eu fui percebendo, que a minha sanidade mental, minha qualidade de vida, a minha saúde é muito mais importante, então eu só não diminuo mais porque eu tô próxima a aposentar, isso acarreta problemas pro futuro, então eu fico com as minhas 40 só, eu consegui de uma forma bem mais tranquila, concentrando em três dias né manhã e tarde, são dias muito puxados, lógico, terça, quarta e quinta puxadíssimos, mas terminou, acabou, eu fico tem um dia em casa pra planejar, um preparo né, mas o resto eu tô tranquila.

Magda - Olha eu acabei me descobrindo realmente na docência. Tá eu passei muito tempo assim de início realmente aprendendo a gostar e fui me aprimorando através dos dois cursos que eu fiz, através de vários cursos, eu sempre fui uma pessoa que... ahhh tem um curso pra fazer, levantava o dedinho (risos), ahhhh vamos viajar pra fazer curso, opa...era as duas mãos, então assim, sempre procurei e fui aprendendo a gostar realmente... eu acho que eu ... (pausa), sempre tinha vontade de arte e aí depois...eu acho que talvez, se eu tivesse feito invés de artes, se eu pudesse, que esse foi um que eu tinha, eu tinha vontade, ao invés de fazer artes visuais e ter feito artes plásticas, seria um, ou então gastronomia, que é uma coisa que eu também gosto muito, ahh se eu pudesse voltar então, as vezes fazer uma gastronomia ou artes plásticas, acho que até seria bom, mas...eu fui feliz, sou. Posso dizer que realizada, posso dizer que reconhecida, enquanto eu pude fazer e estou aí trabalhando até hoje.

3.2. Percepções sobre a atual conjuntura

Após dialogar com as convidadas sobre aspectos de sua formação e atuação, Ísis buscou compreender como as professoras percebem a atual conjuntura educacional, que apresenta contornos bem específicos se comparada a educação do contexto em que se formaram, contudo, percebeu que as professoras sempre retornavam ao trajeto de sua constituição enquanto docente, reforçando como esse

período, de grande importância para suas vidas, foi marcado por conflitos internos e externos, no sentido de que ser professora apresentava-se enquanto uma possibilidade mais viável para aquele momento.

Ísis: Quais as mudanças positivas e negativas você viu ao longo da sua vida profissional?

Magda - “Bom, negativa eu acho que hoje essa questão de números seja em âmbito mundial, âmbito nacional, âmbito do estado, essa questão de números que tem que ter, ahhh se tá em primeiro lugar, se tá em tal nível, então essa questão de ter que ter números, não pode ter tantas repetências, não pode ter tantas evasões, não pode isso, não pode aquilo, então isso de um tempo pra cá, prejudicou muito a educação. Porque ah não pode reprovar, então o aluno passa sem ter conhecimento necessário, e isso tá começando lá no ensino fundamental primeira fase, isso tá refletindo hoje, a gente já tá percebendo isso nos alunos que chegam aqui no ensino médio e ensino fundamental segunda fase de sexto ano, que os meninos você não consegue ler o que eles escrevem, eles não sabem mais escrever, não sabem ler... e eu não tô falando de aluno especial, que realmente tem uma dificuldade cognitiva, não. Hoje nós temos um número de analfabetos funcionais muito grande, e não é hoje que eu vi um aluno de sexto ano assim, é um aluno do ensino médio que você pega as coisas dele e ele não escreve correto, e isso, eu acho, acredito que muito é dessas condições, não pode reprovar, porque quer quantidade, porque o número então no Brasil ou no estado vai ficar baixo... então foi empurrando e foi fazendo isso crescer de uma forma, que hoje nós temos essa dificuldade, então isso pra mim, isso foi negativo. Em questão também de... nós tivemos uma geração de filhos que tiveram pais rígidos, aí eles tiveram filhos, ah não quero criar meu filho como meu pai me criou, porque eu não podia nada, e vou dar tudo pro meu filho, tudo, aí ele tá tendo filho agora; esse que teve tudo ele não sabe cobrar do filho, ele não sabe, ele não sabe o que fazer, ele não tem referência porque ele pôde tudo, e os de hoje, eles tão muito assim. Então a gente já tá pegando esse estilo de aluno que ele não tem apoio, não tem muita regra, não tem apoio familiar; você chama o pai aqui porque o aluno tá difícil, ele pega e fala pra você, eu não dou conta dele, você cuida, faz o que você quiser porque eu não dou conta dele nem em casa, e isso na frente do filho, junto com você, então como? Então isso é um ponto que dificulta pra gente, como que você controla a questão de disciplina se você pede pra fazer tarefa de casa, não existe

mais, muito difícil você conseguir que um aluno faça a tarefa em casa e te traga igual era antigamente, muito difícil, isso é um dificultador.

O ponto positivo, são lógico, as tecnologias nos auxilia, hoje você tem como fazer a parte teórica e mostrar a prática com muito mais facilidade, isso é lógico vai depender muito do professor pra que isso auxilie no aprendizado, porque igual eu falei, não adianta levar pra casa, você tem é que mostrar e fazer com que seu aluno queira, se interesse, e tem que ser de uma forma muito criativa, porque nós temos hoje uma concorrência muito grande, que são as tecnologias. O aluno vai pra casa, aí ele tem o Youtube, ele tem a televisão, ele tem TikTok, ele tem o Instagram, tudo possível de tecnologias na sua mão, mas não pra estudar, mas pra o que ele quiser, pra ele se divertir, e aí as vezes ele que o estudo não é uma diversão, então você tem que mostrar que o estudo também pode ser uma forma que atraia, que seja atraente né.

Ísis – Anália, hoje, como você enxerga a educação do que era antes, de quando você entrou e hoje?

Anália - Nossa, eu vejo um distanciamento grande. É como uma balança, eu acho que a gente não parou no meio termo, onde tá numa ponta de cá e outra de cá (exemplifica com as mãos), não parou no meio. Antes, eu era reprovada se eu não fizesse, antes a minha mãe me cobrava nota, me perguntava como é que tava, mãe tá tudo bem, beleza, né; é... e eu queria estudar, eu queria ter a melhor nota, e se eu não tirasse, com certeza eu ia ser reprovada. Hoje não, hoje não pode reprovar.

E continuou:

Anália - É Ideb², gente, não pode reprovar ninguém, e com isso vai ficando toda época, não pode, não pode ter 10% de aprovação, o que ´que está acontecendo, o erro tá no professor e tudo, e aí não o aluno... são 6,0, não precisa de ele estudar não, é seis. E... por exemplo, hoje a gente tem muito, muito, muito aluno com crise de ansiedade, não veio pra aula porque tá com crise de ansiedade, e aí dá nota. Eu acho que a gente não tá cobrando deles, só está dando... entendeu? Eu acho que isso... que tipo de profissional que a gente vai ter? Porque ele tá ganhando tudo. Esse que eu te falei aqui hoje, é pra eles fazer em casa, não faz, é poucos, você conta nos dedos os que fazem. Por quê? Não tem interesse, não precisa?! Então por que que

² Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

tá assim? Por que que antes cobrava tanto, é igual na família, cobrava tanto, hoje você não pode danar que o conselho tutelar tá lá atrás de você...

Ísis – E você Magda, qual sua percepção?

Magda - Bom, aí nessa questão, a gente falar sobre a questão da educação... a evolução hoje, de tudo, não tem como ser a mesma coisa, por vários fatores. Primeiro nós tínhamos um período, que nós tínhamos crianças que na verdade mal sabiam falar (risos). O desenvolvimento ele acontece não só (eu como espírita, que eu entendo, que eu acredito), que ele acontece, está acontecendo, as crianças de hoje não são iguais as crianças de antes, porque elas tiveram uma evolução, então ninguém que nasceu hoje não vai ser igual outro que vai nascer 20 anos depois, 30 anos depois; eu já tô com mais de 30 anos que eu trabalho na escola, então a criança que foi meu aluno há 30 anos, é muito diferente da criança que tá hoje, porque houve uma evolução humana, não só da educação, uma evolução humana, de ser humano. Então naquela nós entrávamos na sala de aula, nós éramos deuses, eu poderia ensinar qualquer coisa que eu quisesse, até o errado, porque eu não ia ser contestada, porque o que eu falasse lá ia ser assinado pelo aluno e pelo pai. Hoje não! Hoje você tem que chegar com a sua verdade e ainda assim, vamos pesquisar direitinho, porque pode ser que mudou ou tá diferente, porque é complicado, e é óbvio, temos crianças hoje que tem muito mais informação. Hoje eu tava lá com o notebook pra poder colocar na sala o vídeo e justamente na sala que a internet não pega bem, não sei por que nessa não dá; eu tinha que rotear, e tentar rotear do meu celular pro notebook, eu não estava conseguindo. O meu aluno de sétimo ano é que veio e que me ajudou, é isso, por quê? Porque eles sabem mais essas coisas do que eu, essa questão de tecnologia hoje, de celular, dessas coisas... então é muito diferente. Hoje a gente tem que ser esperto, a gente tem que procurar porque a mesmice, aquele negócio do caderninho que a gente tinha antigamente, que você usava o mesmo caderninho, 3 anos, 4 anos o mesmo, não, não funciona. Hoje nós temos uma estrutura na escola completamente (você pôde perceber)

Ísis continuou: - Olhando para suas trajetórias, pra tudo que vocês viveram, as suas experiências, aconselhariam outras pessoas a seguirem a carreira docente?

Anália -Ser professor?

Ísis – Ser professor!

Anália - Sim, meu filho é... Ganha pouco, mas... se for fixo Ísis, se você gostar, que eu acho assim, você tem que fazer o que gosta, e ele tem jeito pra professor, ele

é muito bom pra falar. E eu acho que ele fala demais (risos). Fala demais, eu acho que não precisava falar tanto, ele fala demais, e ele quer convencer, sabe assim ele tem um espírito de convencer incrível, e o professor precisa disso. Porque tem muito aluno questionador e o seu papel ali é de convencer que o que você tá passando tá certo de que o conhecimento que você tem ali tá certo. Então tem que ser. Eu incentivo sim, eu gosto muito de trabalhar Ísis, e eu já trabalhei com uma disciplina que chama orientação vocacional, e antes de ter tanto acesso à internet, tinha um livro, com todas as profissões, e quando eu trabalhei isso em sala de aula, eu trazia médico, policial, várias, engenheiro, pra poder tá falando da realidade, tipo a feira de profissões que a UFCAT faz. Então assim, eu trazia pra dentro da sala, pra poder tá falando, e eu pesquisava muito, sabia quando universidade fulana tava aberta, aqueles processos de... ai eu esqueci como é que chama, em Brasília tinha, na UFU em Uberlândia também tinha, pra não fazer vestibular, você ia fazendo aquela prova...

Ainda sobre a pergunta anterior, Magda disse:

Magda - Eu diria para poder seguir em frente, é difícil é, todas as outras profissões são difíceis. Hoje não existe mais você formar, você fazer uma graduação, ufa pronto, joga os livros fora, nunca mais vou estudar na vida, não existe. Hoje eu falei pros meninos, falei gente, quanto mais vocês enrolarem, mais tempo vocês vão ter que estudar, porque não significa que vocês vão terminar o ensino médio e vão parar, que vão terminar a faculdade e vão parar, porque estudar é o resto da nossa vida, então, quanto mais você enrolar, você só vai atrasar sua evolução e em ser uma pessoa melhor pra frente; porque parar de estudar nunca pode, seja em qualquer profissão hoje em dia. As coisas estão indo tão rápido, não é igual antigamente, que você estudou e ficava muito tempo parado, as coisas estão indo tão rápidas que a gente não pode parar em momento nenhum. Vá em frente, saiba que tem que estudar, igual eu falei, independentemente de qualquer profissão tem que estudar.

3.3. Processo de aposentadoria

Ísis – Quais os motivos te levaram a solicitar a aposentadoria?

Magda - Bom, o tempo né de achar que eu já tinha e realmente pra poder descansar, pra poder ter meu tempo livre, realmente pra dedicar para as coisas que hoje pra mim são importantes, que é minha família, que são minhas netas, minha filha, que é o meu espaço no qual eu já tenho um ano, um ano e pouco que eu tô morando lá na fazenda, cuidar das minhas plantas que eu gosto muito, minha horta, minha casa, poder fazer o que trabalhando não tenho tanto tempo. Fazer meus doces, cozinhar, realmente ter tempo pra mim e pra minha família.

Tendo em vista a mudança imposta através da Emenda Constitucional n. 103, de 12/11/2019, que elevou a idade mínima de aposentadoria para: “I - 51 anos de idade, se mulher, e 56 anos de idade, se homem; II - 25 anos de contribuição, se mulher, e 30 anos de contribuição, se homem; e III - 52 anos de idade, se mulher, e 57 anos de idade, se homem, a partir de 1º de janeiro de 2022” (BRASIL, 2019); foi necessário recalcular as rotas.

Anália - Eu estou na lei antiga, porque foi assinada em dezembro de 2019, que foi assinado, e eu já tinha completado meu tempo em janeiro de 2019, e a lei foi assinada no final do ano. Eu já tinha tempo, mesmo pra quem não tinha é dois anos antes. Quem estava faltando só dois anos pagava pedágio né, mas as meninas aqui nenhuma enquadrou nisso, nenhuma, todas tem que trabalhar mais do que isso, chegar nos 57.

Anália - O que eu falo a gente tem que aposentar com saúde, para você poder conseguir desfrutar alguma coisa, porque senão você trabalha e depois você vai gastar o que ganhou com saúde. Então a gente tem que desfrutar um pouquinho também, igual você falou, isso pode ser concomitante, não precisa esperar, e a gente tem essa mania de querer esperar, para depois fazer, não agora não, vou esperar isso....

Já Magda disse que já estava apta a aposentar:

Magda - É, porque eu ainda tive todo um processo de não ter ficado só em sala de aula. Então por exemplo, hoje eu tenho com o tempo averbado 31 anos de serviço... isso assim, porque eles averbaram, e só contaram dois anos de um período de mais de quatro anos que eu trabalhei. Comecei a dar aula com 18 anos de idade, então um período de mais de 4 anos que eu trabalhei,

eles só contaram como se só existissem dois, e isso é que me prejudicou agora; tanto é que eu tô na justiça, entrei na justiça pra eles fazer a recontagem desse tempo, porque tá errado, eles deixaram período sem contar nada e fizeram contagem somente de segunda a sexta. E agora pela lei, tem uma nova, que eles têm que fazer essa contagem; então com isso eu tenho que descontar período que eu não fiquei em sala de aula, e eu não fiquei em sala de aula os quatro anos de disponibilidade que eu fiquei na prefeitura né, como secretária de educação, e dois anos e meio, um pouco mais de dois anos e meio que eu trabalhei no laboratório de informática, antigamente né, no período de 90, se não me engano, dois mil e pouco. Respirou e continuou:

Magda - É nós tínhamos um cargo no estado de dinamizador do laboratório de informática, e aí eu trabalhei, foi bem no iniciozinho... então eu trabalhei como dinamizadora os dois períodos, então eu não peguei sala de aula, e aí depois (como é cargo novo, ninguém fala) eles colocaram só como se ele fosse administrativo, não como sala de aula. Mas eu era professora, eu dava aula para os alunos que iam no contraturno, eu dava a aula, não era só que eu organizava o laboratório; mas aí depois mais pra frente esse cargo virou só isso, a pessoa que ficava aqui e o outro professor que chegava e dava aula. No meu período não era assim, mas não conta. Então pra eu descontar são mais de seis anos né, mas só que com o resultado agora que saiu da aposentadoria que eu dei entrada, saiu que eu tenho só 24 anos e 3 meses, então com isso eu não conseguiria aposentar agora... e pela nova lei, eles jogaram somente pra quando eu tiver 57 anos de idade.

A lei educacional, no início dos anos 90 ainda permitia que pedagogos concorressem a vagas destinadas àqueles ao que hoje chamamos de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, o que facilitou sua admissão a nível estadual, permitindo sua permanência na mesma escola até o presente momento, somando 28 anos de docência.

Nesse momento, Ísis havia planejado questionar as professoras sobre os motivos que as levaram a solicitar a aposentadoria, contudo, Anália, mesmo estando apta a esse processo, ainda não havia pedido:

Anália - Não, eu ainda não pedi. Tem hora que eu fico pensando, será que eu vou pedir? Até o ano que vem, porque eu fico pensando assim, do tanto de

peessoas que precisam de entrar, tá entendendo? Mas a questão do salário, o que cai no salário é muito, então isso vai retardar eu tá entrando com o pedido.”

Era de conhecimento de Ísis que, caso o professor optasse por algum cargo administrativo, e que isso mudaria toda a análise do pedido de aposentadoria, perguntou a Anália se ela já teve algum cargo nessa categoria, e ela explicou:

Anália – Administrativo não, porque aqui no laboratório de informática, diz que cai no administrativo, mas eu nunca fiquei só aqui. A gente tinha, ficava na chamada professor-dinamizador, você lembra? Então eu fiquei aqui muitos anos, mas fazia só 14 aulas aqui e as outras 14 eu fazia em sala de aula. Nunca fiquei só aqui, agora já a Magda ficou só aqui no laboratório, e ela caiu no administrativo.

Conversaram sobre o tempo que Magda trabalhou como contrato, que foi justamente esse período que precisa ser averbado. Ela citou o nome de outra escola que teve oportunidade de trabalhar por 6 meses, Estadual Dácio Amorim Fonseca, no ano de 1987, a qual contemplava apenas as séries iniciais (Fundamental I), e segundo ela tem os contracheques guardados até os dias atuais. Neste momento contou que sua primeira oportunidade como professora, ela não tinha nem magistério quando trabalhou de contrato, havia terminado contabilidade. Continuou dizendo que foi efetivada no estado em 1993. perguntou a Magda especificamente quantos anos de carreira no total, contando todos os cargos ocupados na Educação, tanto no Estado como no Município, enquanto Secretária de Educação.

Magda – Já faz 34 que eu trabalho, porque ficou 31 com os dois anos averbados, ficou mais de dois anos que eles não averbaram né, dá uns 33, 34 anos. A pesquisadora continuou:

Ísis – Então hoje a resposta deles é que você tem que completar 57 anos?

Magda - É, a resposta que só em 2025, em setembro de 2025, final de setembro de 2025. E eu achei engraçado, que nem quando eu posso pedir não sei, porque eu faço aniversário no final de outubro, mas aí quando eu consultei o advogado ele disse que a gente entrando na justiça pra rever a averbação, e aumentar a averbação, como o pedido de aposentadoria está em aberto, que eu não dei ciência então fechou, tem que estar em aberto, aí é como se estivesse esperando, aí se anexar novos documentos, de novo período que é de antes,

que isso é de... eu fui efetivada em 93, sou efetiva a partir de 93, esse período de averbação é de antes de 93, é de 87, 88, 89,90 e 91

Anália estava com a carga horária de 60 horas, e ainda afirmou “tem que fazer tudo, igual eu te falei, tem as coisas da minha mãe. Tem dia que é pesado sabe, não, não é fácil, mas... enquanto tiver com saúde...”

Ísis se virou pra Magda e continuou- Você quer aposentar?

Magda - Quero, quero aposentar, ahhh tá tenho fôlego, tenho saúde ainda pra continuar, tenho, mas... igual eu tive entre aspas há um tempo atrás antes da pandemia, peguei uma outra profissão, que foi junto com a minha filha né, que também foi vindo, que ela começou e eu resolvi ajudar ela, na questão das decorações, que eu gostei muito, hoje também não quero mais. E citou sobre as mudanças que ocorreram durante a pandemia:

Magda – Justamente que veio a pandemia, que você fica mais quieta, depois que eu mudei, que eu fiz minha casa lá na fazenda, que eu mudei pra lá, não são minhas prioridades mais, sabe...

Ísis – Hoje você olha pra trás e se pudesse voltar no tempo, você teria feito outra graduação, ou nunca parou pra pensar sobre isso?”

Magda - Olha eu acabei me descobrindo realmente na docência, tá eu passei muito tempo assim de início realmente aprendendo a gostar e fui me aprimorando através dos dois cursos que eu fiz, através de vários cursos, eu sempre fui uma pessoa que... ahhh tem um curso pra fazer, levantava o dedinho (risos), ahhhh vamos viajar pra fazer curso, opa...era as duas mãos, então assim, sempre procurei e fui aprendendo a gostar realmente... eu acho que eu ... (pausa), sempre tinha vontade de arte e aí depois...eu acho que talvez, se eu tivesse feito invés de artes, se eu pudesse, que esse foi um que eu tinha, eu tinha vontade, ao invés de fazer artes visuais e ter feito artes plásticas, seria um, ou então gastronomia, que é uma coisa que eu também gosto muito, ah se eu pudesse voltar então, as vezes fazer uma gastronomia ou artes plásticas, acho que até seria bom, mas...eu fui feliz, sou. Posso dizer que realizada, posso dizer que reconhecida, enquanto eu pude fazer e estou aí trabalhando até hoje

Durante um tempo discutiram sobre ter uma rede de apoio em determinadas fases da vida, e segundo ela sempre teve esse amparo dos familiares. Logo em seguida outra pergunta:

Segundo Magda, quando completou 25 anos de efetivada, e enquanto a lei ainda não havia mudado, ela pediu 15 meses de licença prêmio, a qual ela tinha direito, sendo esta concedida. Porém logo veio a mudança na legislação e as questões burocráticas já mencionadas anteriormente alterou todo o processo.

Magda – Achei que ia, aí que veio falando que eu tinha, que aí eu fiquei aguardando a averbação, aí não saiu nesse tempo, porque a minha averbação demorou três anos para ser concedida, três anos, e aí eu fiquei esperando a averbação, esperando, esperando, aí quando saiu a averbação, aí eu mandei, pensei, não agora vai dar o tempo, só porque aí a contagem deles né, é do jeito que eles querem, aí arqueei. No início desse ano que saiu, saiu a averbação num dia, no outro dia eu mandei, não demorou um mês veio a resposta, que com a averbação ainda não dava.

Questionadas se elas já haviam traçado planos para o futuro pós-aposentaria, elas responderam:

Anália – Não pensei o que é que eu vou fazer, talvez seja por isso que eu ainda se..., que eu não quero, porque se eu já tivesse uma segunda opção, eu até pensaria, não vou aposentar e vou fazer isso, mas ainda não tenho.

Magda - Quero arrumar outra coisa, quero trabalhar com outra coisa? Não, por enquanto não tenho pretensão pra isso. É igual minha filha falou nós não desfizemos das nossas coisas todas não, só de algumas, tá tudo lá, esses dias ainda falei, você tá querendo mexer, ela falou, “Ah mãe não sei”, eu ainda tenho vontade e tal, tem que passar esse período que as meninas são pequenas ainda, então não é uma coisa pra... vai que daqui uns anos eu enjojo de ficar só socada lá, não sei, as vezes ainda vai, mas por enquanto não, por enquanto é aproveitar, gosto muito de viajar, ter as possibilidades de sair, mas é isso.

Ísis, ao tomar consciência que a conversa já havia se estendido por mais de uma hora, finalizou agradecendo mais uma vez pela disposição em narrar toda a sua trajetória no âmbito escolar, acadêmico e profissional, deu-lhes um livro da Clarissa Pinkola Estés, Ciranda das Mulheres Sábias, e disse-lhe:

Ísis – Anália e Magda muito obrigada.

Anália – Eu que agradeço...

Magda – Foi uma ótima conversa.

4. MOSAICO

Figura 4 – Mosaico



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Um mosaico representa fragmentos que se juntam e formam uma peça de decoração, podendo tornar-se uma obra de arte, um objeto visível e admirável. Pode ser composto por tons aleatórios e/ou escolhidos tom sobre tom, trazendo, assim, através de colagem, uma representação significativa, principalmente para quem participou do processo de criação. Segundo Dacól (2008, p. 05), “A palavra 'mosaico' tem origem na palavra grega mouseîn, a mesma que deu origem à palavra música, que significa próprio das musas”. De acordo com a autora, esse tipo de obra é composto por um conjunto de fragmentos que, mesmo unidos em prol da formação de determinada imagem, não se sobrepõem. Portanto, essa forma é capaz de representar todo o processo de planejamento, coleta, transcrição e análise das entrevistas, visto que, nesse percurso, cada fala, por mais singela, contribuiu para a construção de teias de sentido, capazes de evidenciar aspectos do envelhecimento e da aposentadoria na vida de duas professoras.

Chego ao fim desta última cena, utilizando este símbolo para representar nossos fragmentos. Mulheres, professoras, trazendo suas experiências para emoldurar os relatos apresentados até aqui, desenhando um mosaico de vivências que nos conectam e nos impulsionam adiante nesta jornada rumo à aposentadoria. Ao abordar as dimensões deste trabalho numa perspectiva

tridimensional, como Ricoeur (1995) denomina - passado, presente e perspectiva de futuro - as narrativas apresentadas em forma de conto evidenciam esses tempos.

Observou-se que as trajetórias das entrevistas se entrelaçam em alguns momentos. No entanto, seus anseios em relação à aposentadoria, projetos de vida e envelhecimento são únicos. Para cada cor neste mosaico, serão exploradas quatro reflexões ponderadas neste percurso. A árvore do conhecimento, feita por mim através da colagem de cores diferentes em suas partes, representa as quatro vertentes analisadas: história de vida, envelhecimento, aposentadoria e projetos futuros. As raízes simbolizam o que cada narradora traz de sua infância e adolescência; o tronco, desenhado como um DNA, destaca os pontos convergentes de suas carreiras, entrelaçando-se em alguns momentos, enaltecendo convergências durante suas trajetórias sem perder a unicidade e a essência de cada uma. A copa exemplifica as decisões e escolhas feitas numa fase madura, como o envelhecimento, a possibilidade da aposentadoria e os projetos de vida.

O primeiro ponto convergente dessas narrativas é a história de vida. Como descreve Josso (2007, p. 07):

[...] a história de vida é uma mediação do conhecimento em sua existencialidade, que oferece ao seu autor oportunidades de tomar consciência sobre diferentes registros, expressões e representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Dessa forma, a construção deste mosaico, destacando a primeira cor, enfoca a trajetória de vida escolar e profissional de cada uma, momentos que se entrelaçam. Ambas eram desconhecidas na infância e adolescência, viveram realidades semelhantes em uma mesma época. Tiveram que se deslocar para estudar e morar temporariamente com familiares, ambas realizaram boa parte de sua escolarização em Minas Gerais e seguiram carreiras como professoras em uma mesma escola, compartilhando semelhanças no processo, como as aulas de informática.

Elas já trabalharam por mais de duas décadas, acompanharam de perto as transformações no âmbito educacional desde os primórdios dos anos 90 até os dias atuais. Cada uma expôs seu ponto de vista diante das dificuldades e dos

avanços tecnológicos, viveram e participaram de uma educação remota em tempo de pandemia e retornaram às salas de aula presenciais.

Se adaptaram a uma nova cultura, ao mesmo espaço. Agora, com a mesma idade, partilham sentimentos diferentes. Uma quer se aposentar e não pode; a outra pode aposentar e não quer, e este é um dos pontos divergentes na representação desta arte.

O acréscimo da perspectiva de vida dos brasileiros quase dobrou em um período de quase 100 anos. Na década de 1920, a expectativa de vida, segundo levantamento de Miranda, Mendes e Silva (2016), era de 35,2 anos, e os idosos representavam 40% da população brasileira. Em 2010, quase 100 anos depois, esse número cresceu, atingindo uma expectativa de 74 anos, e, nesse mesmo ano, 10,8% da população brasileira tinha 60 anos ou mais. Essa elevação da expectativa de vida da população possibilita planejar, prospectar planos futuros, pois pesquisas revelam que em 2040, para cada jovem existirão 153 idosos.

Políticas públicas voltadas aos idosos estão sendo realizadas há décadas, como em 1982, com a primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, pontuando “recomendações referentes a sete áreas: saúde e nutrição, proteção ao consumidor idoso, moradia e meio ambiente, bem-estar social, previdência social, trabalho, educação e família. No Brasil, o Estatuto do Idoso foi criado e efetivado após inúmeras demandas, no dia 1º de Outubro de 2003.

A continuidade desse mosaico de narrativas será agora ponderada sob a perspectiva do envelhecimento e da aposentadoria.

Pensar sobre envelhecimento, em prioridades, é pensar que um dia a mais é um dia a menos. É olhar para trás e ver cada passo dado até aqui e ressignificar. É se reconhecer como um mensageiro de oportunidades e ensinamentos dados através de nós, educadores.

Ao falar sobre envelhecimento, Magda não se lamenta pelas decisões que tomou no passado, pois, segundo ela, as coisas foram acontecendo e ela não tinha clareza que isso a impossibilitaria de hoje requerer a aposentadoria. É perceptível na fala dela, que pela atual conjuntura ainda terá que trabalhar até 2025; isso não a entristece, em sua fala, é notória a aceitação do momento presente, e o não se lastimar traz leveza em sua fala. Concomitantemente, Anália também demonstra clareza e certeza em continuar sua trajetória docente por

escolha, já que ela pode recorrer ao pedido assim que ela decidir. Nada a impede, mas ela prefere continuar, lhe faz bem.

Anteriormente, os critérios legais para aposentadoria de docentes eram: 25 anos de docência e 50 anos de idade; contudo, essas indicações sofreram alterações no século XXI. Uma das alterações definiu que a aposentadoria seria concedida a mulheres com no mínimo 53 anos e homens com 57. Ressalta-se que, segundo essa legislação, os homens deveriam comprovar 30 anos de sala de aula.

Com a alteração da legislação em 2019, tanto homens como mulheres devem comprovar a prestação de serviços de no mínimo 25 anos. Nessa conjuntura, a idade mínima para as mulheres é de 57 anos, e 62 para homens. O cálculo do tempo de serviço sofre algumas alterações em decorrência do pedágio, que segundo Cabral (2023), é um período adicional de contribuição que precisa ser cumprido para conseguir uma determinada aposentadoria. Isto é, um tempo de contribuição além do tempo que ainda falta para o segurado se aposentar.

A qualidade de vida mudou, o incentivo a atividades físicas e o espaço que as mulheres passaram a ocupar em todos os setores de trabalho também foram marcos relacionados a esse crescimento.

Aposentar não está conectado a envelhecer, porém empiricamente falando, nos foi ensinado que havia relação entre essas duas vertentes. E quando me refiro ao ser ensinado, estou falando de mais de 20 anos atrás, tendo como ponto de referência, neste caso, a minha idade. Era assim que eu assimilava esses dois termos, como sinônimos. Equivocada, aposentar não é sinônimo de envelhecer. Envelhecer faz parte da cronologia de todos os seres, independentemente do querer; ele simplesmente existe. Lidar com esse processo e ir contra a lei do tempo e da gravidade, através das tecnologias atuais, quando se trata do ser humano e sua parte física, é possível prolongar mais esse processo, através de medicamentos e tratamentos de prevenção, tais como os disponíveis no mercado de estética corporal e facial.

Josso (2007), em sua obra *A transformação de si a partir de histórias de vida*, quando relata suas construções teóricas, afirma que a vida toma vida, se inventa, e graças a essa invenção se perpetua. A autora ainda enfatiza que

[...] o desenvolvimento das atividades na internet evidencia quase quotidianamente, sob novas formas, como esse paradigma não representa apenas uma simples invenção intelectual, mas constitui uma tomada de consciência nova para apreender, numa mesma coerência conceitual, práticas quotidianas como as páginas pessoais, os blogs, os álbuns de fotos online, os diários íntimos, as produções literárias e visuais diversas... (JOSSO, 2007, p. 432).

A medicina evoluiu, questionamentos sobre a qualidade de vida e direcionamentos para obtê-la são mais acessíveis atualmente. “As projeções indicam que em 2050 a população brasileira será de 253 milhões de habitantes, a quinta maior população do planeta, abaixo apenas da Índia, China, Estados Unidos e Indonésia”. (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016, p. 508).

Em se tratando do metabolismo e das ocorrências que podem acontecer do cansaço e fadiga mental, principalmente na classe dos professores de educação básica, como o desta pesquisa, ao falar em envelhecimento é direcionar o olhar e poder observar as próprias estruturas corporais, mentais e sociais. O corpo fala. Segundo Giacomini (2022, n.p.) “[...] não existe velhice única, há velhices diferentes. O lugar onde uma pessoa vive, determina muito mais o envelhecimento dela, do que sua própria bagagem genética.” Fala através da disposição ou não, do relacionamento entre o querer continuar e não ter mais saúde física e mental, ou o contrário, se ver disposto e continuar. E nas reflexões obtidas através das entrevistas, as duas professoras aparentemente estão dispostas e saudáveis e familiarizam bem com a questão do envelhecer. Em nenhuma consegui observar qualquer indício de melancolia, nostalgia ou depressão.

Em uma das falas de Anália também ficou claro o seu querer e o seu gostar de ir para a escola e estabelecer vínculos sociais e a permanência na docência desperta-lhe ânimo para continuar: Ficar em casa parece que me sinto improdutivo, inútil parece. Aqui eu me sinto ativa, sabe. Eu gosto demais de vir para a escola, poder trabalhar, conversar, tá no meio das pessoas. (Depoimento de Anália, dezembro de 2022). E ainda ressalta que o desânimo surge, apenas esporadicamente:

Não, não, por enquanto está bom assim pra mim, eu tenho muita dor de cabeça, aí quando eu amanheço com muita dor de cabeça dá aquela vontade de não querer continuar, mas quando

melhora e estou bem, aí passa aquela vontade. Mas é só quando isso acontece. (Depoimento de Anália, dezembro de 2022).

Enquanto para Magda, o ânimo consiste em aceitar que a contagem do tempo até então não foi a que ela esperava, porém já compreendeu que nesta travessia, percorrerá ainda alguns anos.

A minha averbação, o meu tempo é mais de quatro anos, dá quase cinco e eles só me deram dois anos e dez dias. Então se eu consegui esse tempo ele vale para mim dobrado, porque ele é antes de 2019, você entendeu? Se eles falaram que eu estou faltando três anos, se sair um ano, ele vale dois, porque desconta o pedágio. Por isso eu estou falando, que eu estou nas mãos de Deus, o dia que ele resolver que eu mereço ...esse ano tá mais leve um pouco, porque eu dei uma dividida. Ano passado eu estava só com educação física, assim estava muito pesado, eu terminei o ano muito cansada, aí esse ano eu peguei Arte, dá para você respirar um pouco, fica mais calmo. (Depoimento de Magda, dezembro de 2022).

Aposentadoria e idoso são termos que soam como se um tivesse necessariamente interligado ao outro, pois até 2020, uma pessoa era caracterizada como idosa no Brasil a partir dos 60 anos. Porém desde o projeto de lei n. 5383/19 na câmara dos deputados, uma pessoa se caracteriza idosa, a partir dos 65 anos, alegando que “Não existe mais justificativa para dizer que uma pessoa com 60 anos é idosa. A cada dia que se passa vemos mais pessoas atingindo essa idade com qualidade de vida, em plena atividade laboral, intelectual e até mesmo física” (BRASIL, 2020).

Ao optar pela aposentadoria é o mesmo que escolher perder alguns vencimentos e bônus que não são agregados ao salário final após se aposentar, podendo este alterar o estilo de vida do profissional. A questão salarial como relevante ao seu pedido, não foi citada por Magda, já por Anália em algum instante, foi levantada:

Tem hora que eu fico pensando, será que eu vou pedir? Até o ano que vem, porque eu fico pensando assim, do tanto de pessoas que precisam de entrar, tá entendendo? Mas a questão do salário, o que cai no salário é muito, então isso vai retardar eu tá entrando com o pedido. O que eu falo a gente tem que aposentar com saúde, pra você poder conseguir desfrutar alguma coisa, porque senão você trabalha e depois você vai gastar o que ganhou com saúde. Então a gente tem que desfrutar um pouquinho também, igual você falou, isso pode ser

concomitante, não precisa esperar, e a gente tem essa mania de querer esperar, para depois fazer, não agora não, vou esperar isso. (Depoimento de Anália, dezembro de 2022).

A era da informação neste século XXI nos permite ter mais conhecimento, e assim sendo, fazer melhores escolhas. Os recursos tecnológicos nos possibilitam uma esfera maior de oportunidades tanto para continuar na docência, como para decidir se aposentar. Com toda essa diversidade, a expectativa de vida dos brasileiros aumentou como dito anteriormente, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo os anos de vida das mulheres superior à dos homens: “Uma pessoa nascida no Brasil em 2019 tinha expectativa de viver, em média, até os 76,6 anos. Desde 1940, a esperança de vida aumentou 31,1 anos. E a longevidade feminina é, em média, sete anos acima dos homens.” (IBGE, 2021); o incentivo a práticas de atividades físicas oferecidas por tantos profissionais, dentre *coaching* e especialistas, facilitam neste processo do envelhecer x aposentar. Essas professoras têm muita vida a ser vivida, e essa possibilidade de escolha, fortalece-as ainda mais nessa travessia.

De acordo com Guimarães (2022, n.p.) “Pesquisas mais recentes tem mostrado que as pessoas com níveis mais alto de escolaridade ao longo da vida, chegam melhor a velhice”. Ou seja, quem investe em autoconhecimento, que tem uma base intelectual sólida, estão propensas a vivenciar este período da vida com mais leveza e disposição.

Uma outra cor desse mosaico representa os projetos de vida de cada narradora, seus sonhos, e desejos evocados no agora, e

[...] esse trabalho de reflexão a partir da narrativa de formação de si (pensando, sensibilizando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução de vida profissional e social. (JOSSO, 2007, p. 430)

Foi perceptível observar que para Anália quando questionada sobre projetos futuros, ela esclarece não os ter, sendo este um dos motivos de sua permanência em sala de aula.

Não pensei o que é que eu vou fazer, talvez seja por isso que eu ainda se..., que eu não quero, porque se eu já tivesse uma segunda opção, eu até pensaria, vou aposentar e vou fazer isso,

mas ainda não tenho. (Depoimento de Anália, dezembro de 2022).

Para Magda, que durante um tempo antes da pandemia, dividia seu tempo fora da sala de aula, trabalhando com decoração de festas, não quer pensar sobre isso agora, pode até ser uma possibilidade no futuro, mas sua prioridade é desfrutar da companhia das netas, cuidar da sua casa e das suas plantas, viajar.

Quero arrumar outra coisa, quero trabalhar com outra coisa? Não, por enquanto não tenho pretensão para isso. É igual minha filha falou nós não desfizemos das nossas coisas todas não, só de algumas, tá tudo lá, esses dias ainda falei, você tá querendo mexer, ela falou, a mãe não sei, eu ainda tem vontade e tal, tem que passar esse período que as meninas são pequenas ainda, então não é uma coisa pra... vai que daqui uns anos eu enjojo de ficar só socada lá, não sei, as vezes ainda vai, mas por enquanto não, por enquanto é aproveitar, gosto muito de viajar, ter as possibilidades de sair, mas é isso. (Depoimento de Magda, dezembro de 2022).

[...] bom, o tempo né de achar que eu já tinha e realmente pra poder descansar, pra poder ter meu tempo livre, realmente pra dedicar para as coisas que hoje pra mim são importantes, que é minha família, que são minhas netas, minha filha, que é o meu espaço no qual eu já tenho um ano, um ano e pouco que eu to morando lá na fazenda, cuidar das minhas plantas que eu gosto muito, minha horta, minha casa, poder fazer o que trabalhando não tenho tanto tempo. Fazer meus doces, cozinhar, realmente ter tempo para mim e pra minha família. (Depoimento de Magda, dezembro de 2022).

Havia encantamento na fala de ambas, porém de forma distinta, quando questionava sobre planos. Mesmo com propósitos de vidas diferentes, era possível ver a verdade que cada uma buscava. A verdade em viver como lhe agrada e como lhe faz bem.

A princípio, a ideia era entrevistar todas as professoras que estivessem vivendo o processo de aposentadoria na instituição de ensino já citada anteriormente, e segundo a diretora naquele momento, três professoras estavam vivenciando tal experiência, porém, apenas duas afirmaram poder participar das entrevistas. Partindo deste contexto, ao ouvi-las relatando suas memórias e seus anseios atuais, ressignificando cada tomada de decisão no passado e que reflete no agora, sem pesar, sem autocobrança como dito por elas:

“Posso dizer que realizada, posso dizer que reconhecida, enquanto eu pude fazer e estou aí trabalhando até hoje”. (Depoimento de Magda, dezembro de 2022). “Aqui eu me sinto ativa, sabe. Eu gosto demais de vir para a escola, poder trabalhar, conversar, estar no meio das pessoas.” (Depoimento de Anália, dezembro de 2022).

Ao observar tamanha clareza das narradoras me lembro de uma fala de Josso (2012, p. 22):

O que representa um desafio neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

Situadas em momentos significativos de suas trajetórias, as respostas sobre os projetos de vida, relacionadas ao futuro, não demonstraram lamentações, mesmo para Magda, que anseia pela aposentadoria. Seus semblantes eram estimulantes e entusiasmados. Ao analisar as entrevistas, é possível observar a conexão entre aposentadoria, projetos de vida, envelhecimento e liberdade. Esta última evidencia o poder da escolha: continuar trilhando o caminho educacional, como decidiu Anália, ou desfrutar de um novo tempo, optando por uma vida mais tranquila e despreendida das obrigações diárias que a escola impõe, como Magda. Tanto para uma quanto para outra, são escolhas importantes delineadas por elas mesmas, sentindo-se pertencentes ao que planejaram para suas vidas. Esse olhar voltado para a formação a partir de suas histórias permite-lhes “[...] operar suas escolhas, se situar em suas pertencas e definir seus interesses, valores e aspirações” (JOSSO, 2007, p. 424).

O conhecimento de si mesmas e de suas prioridades tornou cada instante das entrevistas uma dimensão de leveza e aceitação em relação às escolhas. Essa tríade de envelhecer, aposentar-se e planejar está intrinsecamente ligada

nesse mosaico, tanto para elas quanto para mim, enquanto ouvinte e pesquisadora. Foi perceptível que enquanto uma optou pelo magistério, a outra deixou as coisas acontecerem e, hoje, olham para trás com gratidão.

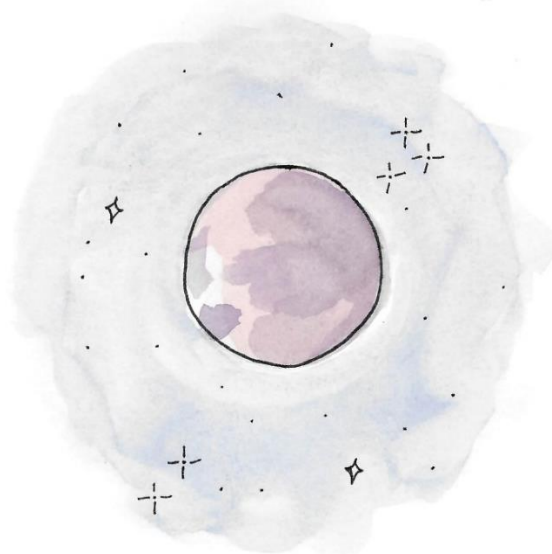
Mais uma vez, lembro de Josso (2012), que em um de seus artigos cita um de seus primeiros livros, "Caminhar para Si", e enfatiza o verbo do título como uma viagem para dentro de si mesma. Cada silenciosa escuta representava diante de mim uma pesquisa formativa. Por diversos momentos, questionei-me se continuaria a escrever em forma de conto ou não. Após muita reflexão, optei por uma escrita que me trouxesse maior segurança.

Escrever em forma de conto aumentou minha segurança ao transcrever as experiências, permitindo um autoconhecimento a partir das vivências e da sensível escuta de cada professora entrevistada. Além das falas, o desenrolar das sensações durante a escuta revelou emoções em cada uma delas. Entre pausas para reflexão, houve risos, lágrimas e momentos de profunda introspecção. Decidir nem sempre é simples, e escolher o não convencional implica enfrentar críticas. Optei por arriscar numa escrita mais segura para mim, não menos importante, uma oportunidade de ouvir e me ouvir através das experiências do outro.

Josso (2009), ao ser questionada por Margaréte May Berkenbroken-Rosito, revela que "[...] a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexão sobre o que foi vivenciado e o que foi aprendido" (JOSSO, 2009, p. 137). Nesse sentido, nossas experiências carregam os traços de nossas escolhas e desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 5 – A Lua



Fonte: Obra de Sofia Paglarini (2023).

Este estudo representa o desfecho de uma entre as múltiplas etapas da minha vida. Através de uma escrita livre das amarras impostas pelo cientificismo exacerbado, mas que não se exime de atender aos critérios que definem um trabalho como científico, pude explorar aspectos íntimos da minha trajetória, os quais, durante a maior parte da minha vida, busquei encobrir devido a um conjunto de fatores socioculturais.

Através da (Auto)biografia, percebi como as narrativas conseguem evidenciar aspectos que muitas vezes permanecem nas entrelinhas da vida privada e profissional. Ao tentar compreender o quanto as reflexões a partir das experiências dessas duas professoras, que trabalham na mesma escola onde estudei no ensino médio e trabalhei posteriormente assim que me formei, não consegui dimensionar tamanha satisfação pela oportunidade de ouvi-las e me perceber, é escutá-las e repensar minha vida, é pensar em seus projetos futuros e olhar para os meus.

A minha inquietude sobre envelhecimento, relatada na introdução e no segundo capítulo, as experiências vivenciadas por mim, aliadas às entrevistas, permitiram um retorno honesto e pacífico com minha prática, mudando o meu olhar sobre a longa jornada que ainda terei que percorrer no caminho da educação. Foi me permitir reconhecer o que mudou em mim durante este tempo

de estudo e experiência, trazendo ao meu retorno em sala de aula mais clareza e lucidez da profissão que indiretamente escolhi como ofício.

A princípio, definir as especificidades do campo (Auto)biográfico, a partir de leituras, debates e participação em diversos eventos, foi crucial para o entendimento da produção de narrativas. Além disso, pude compreender como esse método se posiciona de forma subversiva quando pensado sob a lógica científica, ainda dominante, pautada na construção do conhecimento como um ato sistemático, objetivo e passível de reprodução. Ainda nesse momento, resgatar, mesmo que brevemente, minha trajetória de formação e atuação profissional, permitiu-me refletir sobre como minhas percepções acerca da realidade, mais especificamente sobre o campo da educação, foram sendo ressignificadas mediante o acesso a diferentes trocas e saberes. Ressalto que esse momento não deve ser analisado sob tom narcisístico, visto que falar de si mesmo é um processo difícil, que demanda certo distanciamento, de modo que possa analisar a si mesmo como um sujeito externo.

Posteriormente, a escrita do conto *A Mulher da Ponte da Fonte* foi essencial para a compreensão de como a produção científica pode ser um ato de libertação. Esse processo, além de acionar meu íntimo, pouco acessado durante minha vida, evidencia como os pequenos atos e experiências atuam diretamente sobre a construção e moldagem das identidades. Portanto, pude compreender que o que sou neste momento é apenas uma versão provisória das diversas faces que poderei assumir ao longo da minha existência.

Ao desenvolver entrevistas com duas profissionais da educação, reconheci-me em diversas das suas falas e pude compreender que ser mulher e professora é um fenômeno dotado de significados e sentimentos, por muitas vezes conflitantes, que se potencializam no período próximo à aposentadoria.

Esse trabalho corrobora com diversos outros que têm surgido na atualidade e que defendem a construção do conhecimento como processo, que, ao passo que atende às necessidades de expansão do campo de estudos e às demandas sociais, contempla os anseios que levaram o autor a se debruçar sobre seu objeto. É olhar para o passado, para todos meus professores, trazendo-os para o presente como peças fundamentais, para emoldurar este mosaico, junto a estes que por esses dois últimos anos me ensinaram a honra

de ser um profissional da educação, quando ela é viva em nós. Onde se quer chegar também, mesmo sem saber como será a travessia.

O retorno à docência e a nobreza de ser professor inundaram-me de gratidão por reencontrar a sala de aula como parte de mim. Volto mais responsável, acolhedora, sã, menos competitiva e certa da escolha. As histórias de vida dessas duas professoras estão intrínsecas à minha. Eu tirei um ano da minha vida para viver como se já estivesse aposentada, estudando remotamente e organizando uma agenda flexível. Alguém que cumpria uma rotina, mas tirava um tempo para si, sem peso da pressão de horários ou entrega de notas. Entendi a importância de não procrastinar e percebi a leveza na qualidade de vida.

Retornar à sala de aula depois de três anos, considerando um ano de aula remota e dois de licença para aprimoramento profissional, foi algo novo. Esperei três meses para compreender as mudanças e experienciar o retorno. Minha visão sobre a educação e minha prática mudou, refletindo-se no comportamento dos alunos durante as aulas. Enfrentar dificuldades de interpretação e compreensão de textos e problemas me fez sentir uma grande responsabilidade sobre como transmitir e ensinar os conteúdos propostos.

São 7 disciplinas para uma turma de 17 alunos, e cerca de 4 possuem dificuldade, principalmente de interpretação. No entanto, percebi bons resultados e maior interesse após analisar a turma durante duas semanas e identificar suas maiores dificuldades. Aprendi a ouvi-los sem interromper quando levantavam educadamente as mãos. De maneira discreta, mostrei a importância de cada fala, sem "podar" como fazia antes. Percebi alunos mais interessados, pois minhas aulas são preparadas considerando a diversidade da sala.

São alunos que tiveram aulas remotas e de adaptação por dois anos, devido às diferentes condições financeiras. Voltei com uma prática e um olhar mais humanizados, mais consciente da responsabilidade no enfrentamento da sala de aula, redescobrando um lugar conhecido, mas antes vivido no automático. Tudo se tornou real após analisar as entrevistas de Magda e Irene, aliadas à minha experiência em formação. A Denise que queria entrevistar professoras em processo de aposentadoria, quando formulou seu problema de pesquisa, não é a mesma professora Denise que retorna à sala de aula. O temido medo do envelhecimento deixou de existir, surgindo o desejo de conciliar a vida profissional com os desejos pessoais.

A vontade de viver livre não existe mais, pois encontrei a liberdade compreendendo meu lugar no mundo. Aposentadoria? Não penso nem sofro, pois envelhecer se tornou algo natural e não medonho. Viver um ano como se estivesse aposentada fez-me reconhecer a magnitude de ter um lar para voltar, raízes que me ancoram e um futuro cheio de possibilidades, incluindo trabalhar com duas vertentes que me ensinam e encorajam: crianças por sua espontaneidade e mulheres por me verem através delas.

Ao estudar as narrativas (auto)biográficas dessas duas professoras, permiti-me ter coragem de realizar um sonho antigo. Isso só foi possível porque compreendi a necessidade e vontade de dar voz e oportunidade a outras mulheres. Após vivências durante meu ano sabático, aliei minha formação acadêmica a um trabalho voltado especificamente para mulheres que se identificassem com o tema proposto. No início de 2023, em fevereiro, criei e realizei a *Vivência Rosa Mística*, um espaço para nos ouvirmos e compreendermos através das histórias umas das outras. Reconheci o potencial que nós, professoras, temos. Somos líderes, comunicadoras, exercendo liderança e comunicação diariamente na sala de aula.

Com mais um mês de licença, pratiquei essa liderança e comunicação. Quinze mulheres participaram de dois dias dessa experiência. Elas pediram para organizar outra vivência em primeiro de julho, somando 22 mulheres nesta segunda edição. Dessa movimentação, surgiu outra professora com visão semelhante à minha, e juntas nos encorajamos para encorajar outras mulheres.

Fomos caladas por séculos, silenciadas por um sistema que aprisiona nossa alma e liberdade de ser quem somos. O 'NÃO PODE' nos calou. Assim como evoluiu o sistema educacional, a longevidade e todas as tecnologias, cresceu também a coragem de soltar nossa voz. Mostrar que nós mulheres podemos ser fortes sem perder nossa feminilidade, ter voz ativa, criar e realizar nossos sonhos sem depender de uma sociedade que impõe medo e controle.

Observar mulheres que buscavam o mesmo ideal, ver brilho nos seus olhos através da oportunidade da escuta... poder conduzir outras mulheres a voltar para a sua essência... esse é o objetivo das vivências. Ouvi de uma delas essa frase após contá-las sobre o conto *A mulher da Ponte da Fonte*:

“... você foi e está sendo uma mulher que se faz a Ponte para a Fonte!

Está nos conduzindo para olharmos para a nossa Essência!

E mulheres se constroem e tomam força no coletivo!

Porque fica mais leve quando compartilhada a vida!” (Mística professora)

Recebi essa mensagem um dia após a segunda edição. Nesta mesma edição, de 21 mulheres, totalizamos 4 professoras dentro desta ciranda de mulheres sábias. Finalizo este trabalho consciente de que não irei parar por aqui. Quero continuar promovendo vivências, sendo essa ponte entre mulheres e, a partir dessas experiências, estudar e pesquisar através do relato de quem se permitir contribuir com suas próprias vivências. Concluo com gratidão por todas as experiências vividas, por tantos aprendizados que me trouxeram até aqui, por cada risada compartilhada e por descobrir, através da academia, que conhecimento é poder.

Deixo aqui palavras que ecoaram dentro de mim dia desses:

Primeiro por mim, depois por todas

Me curar

Me compreender

Me aceitar

Me redimir de culpas

Me transformar

Me ausentar de ego

Me cuidar

Me amar

E ainda compartilho um texto do meu livro de cabeceira, *Ciranda das mulheres Sábias*:

“Que todos nós nos aprofundemos e vicejemos, que criemos a partir das cinzas, que protejamos aquelas artes, ideias e esperanças que não podemos permitir que desapareçam da face desta Terra.

Por tudo isso, que vivamos muito, e nos amemos uns aos outros,

Jovens enquanto velhas, e velhas enquanto jovem...”

Clarissa Pinkola Estés.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011. Disponível em: [https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8708/6353/](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8708/6353) Acesso em: 22 mar. 2023.

ARAÚJO, Juliana Pereira; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. **O humano na pesquisa (auto)biográfica**. Paco Editorial, 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Brasília/DF, 1991.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 103, de 12 de Novembro de 2019**. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Brasília/DF.

BRASIL. **Projeto de Lei 5383/2019**. Altera as Leis nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 e 10.048, de 8 de novembro de 2000, para mudar de 60 (sessenta) para 65 (sessenta e cinco) anos a idade da pessoa idosa. Brasília/DF, 2020.

CABRAL, Fernando Oliveira. Pedágio Aposentadoria: O que é e como funciona (100% e 50%). **CMP**, 2023. Disponível em: <https://cmpprev.com.br/blog/pedagio-aposentadoria/> Acesso em: 06 jun. 2023.

CARVALHO, Jonas. O legado de Magda Soares para a alfabetização e o letramento no Brasil. **Nova Escola**, 2023. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21433/o-legado-de-magda-soares-para-a-alfabetizacao-e-letramento-no-brasil?gclid=CjwKCAjwzuqqBhAcEiwAdj5dRhoLp-Pvqty0PlejLvZUeHNNAvFRLYGGeQDdFayrbuRLif_0ce4xkRoCzPcQAvD_BwE Acesso em: 22 mar. 2023.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 10. ed. São Paulo: Global, 2013.

CUNHA, Renata Cristina da; ANUNCIATO, Rosa Maria Moraes. Pesquisa Autobiográfica e narrativas em formação: reflexões sobre o caminhar para si, caminhando com o outro. In: ARAÚJO, Juliana Pereira; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. **O humano na pesquisa (auto)biográfica**. Paco Editorial, 2020.

DACÓL, Mary Rosane **Vicente. Caderno pedagógico abordagens do mosaico no ambiente escolar**. Secretaria de Estado da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1539-6.pdf> Acesso em: 28 abr. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago.

2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt>

Acesso em: 14 ago. 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Cidade: Editora Rocco, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das mulheres sábias**. Cidade: Rocco, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIACOMIN, Karla. **Nós estamos envelhecendo em uma sociedade sem coesão, em que um não se identifica com o outro**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/nos-estamos-envelhecendo-em-uma-sociedade-sem-coesao-em-que-um-nao-se-identifica> Acesso em: 06 jun. 2023.

GUIMARÃES, Cátia. **Um país mais velho: o Brasil está preparado?** Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/um-pais-mais-velho-o-brasil-esta-preparado> Acesso em: 06 jun. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Epistemologia e pesquisa (auto)biográfica. In.: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

HONÓRIO FILHO, Wolney; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Temporalidade biográfica nas histórias de vida. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin; LOPES, Celi Espasandin (org.). **Vida narrativa e resistência: biografização e empoderamento**. Curitiba: CRV, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta 3 meses e chega a 76,6 anos em 2019**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019> Acesso em: 27 mar. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. A narração de si a partir de histórias de vida. **Educação**, n. 3, p. 413-438, 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf Acesso em: 06 jun. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito.

Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n.2, p. 136-139, ago./dez. 2009. Disponível em:

https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf Acesso em: 06 jun. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em: 01 jun. 2023.

MARINAS, José Miguel. **La Escucha En La Historia Oral**. Editorial Síntesis, 2007.

MEIRA, Vanessa Ribeiro Andreto; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Professores aposentados: quais os motivos para seu retorno à docência?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579834899. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109308> Acesso em: 01 out. 2022.

MELO, Fernanda Caroline Tavares, et al. Reconstrução histórica do conceito de envelhecimento. In.: **IV Congresso Nacional de Envelhecimento Humano**, 2015, Campina Grande – PB. Anais do IV Congresso Nacional de Envelhecimento Humano... Campina Grande – PB: CIEH.

MIRANDA, Gabriella M. Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v, 19, n. 3, p. 507-519, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/MT7nmJPPRt9W8vndq8dpzDP/> Acesso em: 06 jun. 2023.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho, **Anália Franco**: A Grande Dama da Educação Brasileira. São Paulo: Eldorado Espírita, 1992.

NEVES, Júlia Guimarães; AMORIM, Filipi Vieira; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. O conceito de formação na pesquisa (auto)biográfica: a complexidade como paradigma emergente e o método (auto)biográfico como síntese. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14, p.1-17, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/3129/1060/18449> Acesso em: 22 mar. 2023.

PASSEGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In.: PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica – Educação).

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 33, p. 111-125, 2016. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682/3579>

Acesso em: 05 out. 2022.

RIBEIRO, Darci. O povo brasileiro. **A formação e o sentido do Brasil**. Primeira edição digital. Global Editora. São Paulo. 2014.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Papiros, 1995.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (Auto)Biográfica. **Ensaios Pedagógicos**, v. 2, n. 1, p.45–53, 2018. Disponível em:

<https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/64>.

Acesso em: 22 mar. 2023.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias**: Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortês. 2 ed. p. 9-118, 2001. (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação).

WIERCINSKI, Gilmar. Pesquisa Auto-Biográfica: uma introdução metodológica. In: **Salão do Conhecimento**, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em:

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/artic/view/3474/2874> Acesso em: 22 mar. 2023.

APÊNDICE I – Entrevista 01

Idade: 54 anos

Qual a sua formação acadêmica? Pedagogia e Geografia

“Eu fiz pedagogia primeiro. O ensino médio foi o magistério, lá em Minas, aí já aqui em Goiás é que eu fiz a graduação. Aí fiz a Pedagogia no Cesuc e depois eu fiz pela UEG, a Geografia, aí depois é que eu fiz o mestrado, agora no finalzinho”

O mestrado você terminou a pouco tempo?

“Foi pouquinho tempo, o passado, eu gastei dois anos”

Vocês no mestrado escreveram a dissertação?

“Toda, eu falei que eu esse eu o achei muito difícil. São 14 disciplinas, toda disciplina você tem que fazer um artigo, toda... não é um artigo mas é um papper que você tem que escrever, aí todas tem.”

Tem muito texto e tem os quis que você responde também, tem os foros, mas isso é tranquilo. O que eu achei difícil é só os papper que você tem que escrever, e é pouco tempo, dentro de quarenta e dois, quarenta e quatro, eles sempre colocam o calendário, é uma disciplina, aí você tem que dentro dele você tem que tá escrevendo. E se você trabalhando... aí fica...”

É puxado!

Hoje você está com quantos anos de sala de aula, de docência? Quanto tempo na educação?

“quase 28 então né, porque eu já poderia ter me aposentado lá em 2019”

Com os anos de docência e com a sua idade você já podia ter aposentado?

“Já poderia ter aposentado em 2019, mas hoje tem um fator muito interessante Denise, de não aposentar também, é a questão do salário.”

Por que se não cai?

“Cai.

É aqui o governo hoje, ele tá dando gratificação de mil reais que não entra em imposto de renda, nem nada. Então mil reais é muita coisa que diminui.”

E você não tem filhos pequenos né?

“É, só porque tenho minha mãe né, a minha mãe tá com Alzheimer, então...”

Não sabia

“é, dá um trabalho que credo”

Como foi seu ingresso na docência? Ser professor era o que você queria mesmo?

“Quando criança não, quando criança eu queria ser na área da saúde pra ajudar nas salas de cirurgia. E fazer igual, por isso te falei agora mesmo que eu sou igual bombril. Eu fazia, aplicava injeção, porque la na roça né... e assim, porque era muito curiosa, tudo que eu via os outros fazendo – eu corto cabelo (rsrrs) -. Corto! Eu que corto o cabelo do meu marido... então assim eu era curiosa, tudo que eu via alguém fazendo, eu ficava ali por perto, aí eu aprendi fazer aquilo tudo : ponto-cruz, costurar eu costuro também, as minhas roupas hoje é eu que faço minhas roupas né?, então assim, eu via alguém fazendo eu ficava lá do lado, olhando. E aí antes eu queria ser enfermeira e via minha tia aplicando injeção, todo mundo da região ia la pra minha tia aplicar, e eu : - madrinha deixa eu aplicar também, a senhora me ensina? – Ensino. Mas doer? Não, não dói, a agulha é fininha... então tá bom. Aí comecei a fazer, e não tinha dificuldade em lidar. Hoje não, hoje eu sou muito mole, vejo sangue amolece tudo, é uma moleza danada. Mas antes era na área da saúde... aí depois sim, depois que queria ser professora mas era de Letras, queria fazer era português, que não deu certo, mas não deixei de dar aula de língua portuguesa, acabei dando também. E o meu magistério também já foi voltado né pra educação, porque já era. Só porque é educação infantil e eu não gosto de criança pequena”

Eu também não, tipo assim, os pequenininhos, eu não sei lidar muito bem com eles, eu gosto dos de 8, 9, 10 anos

“Porque assim é aquela questão de você ter que mostrar qual caderninho que pega agora né?

A dependência?

A dependência é muito grande, até aqui eu gosto de aula é a noite, porque já são maiores, já sabem o que quer né, ... tem a dificuldade da adolescência e tudo, mas eu prefiro o grande, eu não gosto de lidar com a primeira fase. E aí o magistério era mais voltado pra primeira fase. E Aí quando foi no CESUC eu era uma boa aluna lá, eu tenho até um lote em Lagamar, eu não sei se na época que você estudou tinha, mas quando eu estudei a gente ganhava a bolsa, e da minha turma era só eu que ganhava, e aí como a prefeitura dava a bolsa pra gente ne, eu fui juntando esse dinheiro e comprei um lote em Lagamar e tá lá até hoje, não

construí, nem nada, tá lá... mas, gostei, gostei da pedagogia e tudo, aí quando eu vim pra cá aí como eu te falei a gente pegava qualquer disciplina, e quando você tá chegando você pega o que sobra né, porque a minha área era a Pedagogia, então era só P1, então era o que sobrava, aí eu peguei Ciências de oitavo ano que era química e física que estudava na época, hoje eu nem sei o que é que estuda em Ciências, porque tem muito tempo que eu não dou, mas, peguei, me deram até matemática, sua mãe tinha saído, eu me lembro, esses dias ainda comentei nela, fui lá na sua mãe pra poder pedir pra ela algumas orientações, pegar o caderninho pra poder tá seguindo. Aí depois tirou, ficou aquela modulação, modula aqui, modula ali, acabou que tirou no início era pra eu ter pegado matemática, e é a disciplina que eu tenho dificuldade, eu tenho que estudar, por isso que eu fui atrás da sua mãe, aí o Ronan era diretor : não vou dar um jeito aqui, vou colocar outro aqui. Aí me deu História, Língua Portuguesa e Ciências”

Você entrou pro estado como contrato ou concurso?

“Já entrei pelo concurso, eu não vim pelo contrato não”

E antes disso você já tinha tido alguma experiência de sala de aula?

“Não, de sala não. Eu terminei o magistério lá em 91, vim pra cá pra e fazendo a pedagogia, antes de sair da pedagogia eu já comecei no concurso, antes de terminar a graduação. Naquela época antes de ter a graduação já podia, só que aí a gente entra como P1 né. Aí o concurso foi pra todos P1, não tinha graduação, e aqui na escola não tinha ninguém formado ainda, ninguém, nenhum professor não tinha formado, aí a Reni ainda estudava fazendo pedago... ah não reni fazia Direito na época que eu fazia, e não tinha nenhum professor formado. Aí depois aos poucos é que foi fazendo. Aí depois Alberto fez, mas já foi mais tarde né. E agora hoje graças a Deus tem um tanto de professor mestre (cita nome de professores com mestrado, total de nomes citados 5)

Mas foi muito bom, na época o Marconi criou aquela UEG, aí favoreceu quem não tinha graduação, a gente fazia no sábado, pra gente foi muito bom aquilo e melhorou o salário também né, porque o professor é muito desvalorizado, que aí melhorou né, mudava de P. Eu fiz pós-graduação também, depois da Pedagogia aí eu fiz pós”

Você tem quantas pós?

“eu só fiz uma, fiz lá em Batatais, ia de ônibus. Assim que eu terminei a Pedagogia eu fiz a pós lá, aí a pós você passa pra P4 aqui no estado.”

Ser professora foi uma escolha?

“uma escolha acredito que sim e foi uma oportunidade também porque assim, foi o que mais... apareceu, né é... igual eu te falei, depois do magistério, já tava no caminho, o que eu tinha? Só tinha duas opções, ou magistério, ou contabilidade, e eu não sou da exata. Então partindo, indo para o magistério já foi o primeiro passo né pra educação. E todo mundo sempre falava, Durcilane você tem jeito pra professora, você tem muita paciência, eu tinha muita paciência, muita, mas só que eu falava muito baixo, e aí depois que eu fui corrigindo essa voz pra poder tentar falar mais alto; mas eu falava muito baixo e tinha paciência demais, depois você vais ficando mais velha vai ficando enjuada (risos). Eh hh vai ficando injuada, mas eu acredito que foi uma escolha. Me dei bem graças a Deus, sou feliz, não me arrependo. Igual assim eu queria ter ido pra saúde, não me arrependo de ter ficado na educação”

Seus familiares sempre apoiaram a sua escolha pela carreira docente?

“Sim, minha mãe me deu apoio demais, inclusive lá nessa época (pausa-choro de quase um minuto, emocionada continua...) eu fui criada sem pai Denise, meu pai faleceu muito cedo e minha mãe sempre falava que tinha que estudar (pausa e continua), e hoje ela não sabe o valor disso mais, isso é que me dói. O curso de informática que eu fiz, como eu te falei a gente ia pra Patos né, eu não sei de onde ela tirava dinheiro pra poder pagar a passagem, pra poder ajudar a pagar o curso, não sei, mas ela mandava todo fim de semana ela mandava, porque eu ficava na cidade e ela na roça, ela mandava pra eu poder ir (emocionada). Aí eu sempre falava mãe eu quero, eu quero estudar mãe, eu quero estudar, aí ela então se você quer vai... e eu tinha um tio que falava, ficava (todo adolescente tinha suas... querer namorar né, aquela coisa, parecia que eu tava namorando com tanta gente, tem umas que eu nem conhecia, não sabia nem quem era, chegava lá pra ela que eu tinha namorado, tava namorando com fulano, com ciclano (risos), mas uns era verdade (risos), então assim, porque foi eu e minha prima pra lá pra estudar, aí meu tio pegava e ficava lá, você não vai lá buscar as meninas não? Vai deixar elas lá? E ela não, ela quer estudar, vou buscar não, deixa lá, ela quer... (tio) pois é mas tá namorando com fulano não sei o que, não sei o que. E ela chegava pra conversar comigo, e eu, mãe eu não tô namorando

não, eu nem conheço essa pessoa, de vez enquanto mentia mesmo rsrrs, mas... se ela tivesse ouvido eles, aí eu não tinha estudado não, porque aí era assim né, eu não podia ficar né, era, era muito, meu tio era muito bravo. Ela não, mas se ela quer, e depois pra você ver, nenhum dos meus irmãos quiseram estudar. A Neusa foi primeiro que eu, que é minha irmã mais velha, ela foi pra Lagamar pra estudar e voltou; aí quando eu pedia que queria ir, ela pegava e falava, minha mãe, não vai fazer igual a Neusa, vai e vai parar, não vai dar sequência e eu, mãe eu quero, eu não vou parar.”

A Beth já morava aqui?

“não a Beth morava lá na roça também, aí depois a Beth foi pra Uberlândia, aí a Beth não chegou a estudar lá em Lagamar não, ela estudou em Uberlândia, mas só fez o ensino médio também, ela não fez graduação nenhuma. E a Neusa veio terminar o ensino médio aqui em Ouidor. Aí ela casou, a Neusa era só casar, namorar, namorar, aí casou novinha, novinha, uns 14 anos capaz ela casou, e aí não estudou, e depois que ela tava morando aqui que estudou. O Jânio também fez ensino médio foi aqui, mas ir pra faculdade nenhum deles quiseram ir.”

É história de vida né Durce, geralmente as pessoas se emocionam durante as entrevistas

“e é igual eu tô te falando eu sou muito mole, antes Denise eu conseguia ver sangue, eu ajudava as pessoas assim..., não tinha nada. Não é questão de não ter sentimento, mas assim, era... eu não importava... agora hoje não, hoje eu vejo um filme eu tô chorando, eu não sei o que é que foi”

Como você conseguia conciliar as práticas do seu cotidiano com suas práticas educacionais, sua vivência na escola, sua profissão?

“Eu, eu acho que eu pequei um pouco. Só tive o Kaleb né, e eu deixava ele muito sozinho em casa. E a minha mãe, quem foi que me ajudou, porque o Luís ficava na roça né, só vinha de 15 em 15 dias e é uma situação difícil, mas precisa né Denise

E por sinal tá um rapaz bonito (rsrs)

“ graças a Deus, graças a deus ,Inteligente, gosta demais de estudar

Ele estuda?

“Estuda, ele tá fazendo mestrado lá na UFU”

Parabéns

“Ele fez aqui na UFG

O que ele fez?

Ele fez Ciências Sociais, e agora ele tá UFU, tá fazendo em letras o mestrado dele, literatura. Até agora, amanhã, a gente vai pra Porto Seguro, e aí a gente vai lá em Ilhéus por causa do Jorge Amado, porque a dissertação dele é sobre o Jorge Amado. Vai visitar o acervo do Jorge Amado.

Pauso em 22 min e pergunto se podemos continuar, se ela tem ainda alguns minutos e ela disse que sim.

Surge algumas conversas aleatórias sobre alguns professores da escola e então seguimos

Então hoje se você quiser pedir aposentadoria você pode?

“Eu posso”

Você tá na lei antiga...

“Eu tô na lei antiga, porque foi assinada em dezembro de 2019, que foi assinado, e eu já tinha completado meu tempo em janeiro de 2019, e a lei foi assinada no final do ano. Eu já tinha tempo, mesmo pra quem não tinha é dois anos antes. Quem tava faltando só dois anos pagava pedágio né, mas as meninas aqui nenhuma enquadrou nisso, nenhuma, todas tem que trabalhar mais do que isso, chegar nos 57.

Ouvi o áudio nessa parte novamente

“o que eu falo a gente tem que aposentar com saúde, pra você poder conseguir desfrutar alguma coisa, porque senão você trabalha e depois você vai gastar o que ganhou com saúde. Então a gente tem que desfrutar um pouquinho também, igual você falou, isso pode ser concomitante, não precisa esperar, e a gente tem essa mania de querer esperar, pra depois fazer, não agora não, vou esperar isso
Minha fala sobre a dissertação

“É muita responsabilidade também Denise, assim, parece que tem pessoas que carregam mais responsabilidade do que outras na casa; tudo joga pra um, lá em casa é eu. Então assim, pra resolver tudo isso sobrecarrega, tem dias que você fala, não, não dou conta, aí tem que sair senão a gente não dá conta mesmo, tem que tentar distrair um pouquinho.”

Que bom que você vai viajar com seu filho né

“Pois é, é a primeira vez que eu vou, nunca fui também, mas foi por causa disso, sempre como diz o Kaleb, todas férias nossa tem que ir pra roça. Entrava de

férias hoje, hoje mesmo eu já ia e ficava o mês inteiro lá, só que pra ele era um pesadelo

Hoje como você enxerga a educação do que era antes, de quando você entrou e hoje?

“Nossa, eu vejo um distanciamento grande. É como uma balança, eu acho que a gente não parou no meio termo, onde tá numa ponta de cá e outra de cá (exemplifica com as mãos), não parou no meio. Antes, eu era reprovada se eu não fizesse, antes a minha mãe me cobrava nota, me perguntava como é que tava, mãe tá tudo bem, beleza, né; é...e eu queria estudar, eu queria ter a melhor nota, e se eu não tirasse, com certeza eu ia ser reprovada. Hoje não, hoje não pode reprovar. Esse ano é ano de IDEB

Esse ano é ano de Ideb?

Não, tô falando assim, tô dando um exemplo,

Ahhh tá

É Ideb gente, não pode reprovar ninguém, e com isso vai ficando toda época, não pode, não pode ter 10% de aprovação, o que ´que ta acontecendo, o erro tá no professor e tudo, e aí não o aluno... são 6,0, não precisa dele estudar não, é seis. E... por exemplo, hoje a gente tem muito, muito, muito aluno com crise de ansiedade, não veio pra aula porque tá com crise de ansiedade, e aí dá nota. Eu acho que a gente não tá cobrando deles, só está dando... entendeu? Eu acho que isso... que tipo de profissional que a gente vai ter? Porque ele tá ganhando tudo. Esse que eu te falei aqui hoje, é pra eles fazer em casa, não faz, é poucos, você conta nos dedos os que fazem. Por que? Não tem interesse, não precisa?! Então por que que tá assim? Por que que antes cobrava tanto, é igual na família, cobrava tanto, hoje você não pode danar que o conselho tutelar tá lá atrás de você, porque... graças a deus atrás de mim nunca aconteceu isso, eu nunca fui de bater, mas assim o que eu vejo diante das famílias aqui, não pode cobrar, não pode exigir nada, liberou demais

Em algum momento pensou em desistir, em seguir outra carreira?

Não

Depois que você entrou pra educação?

Não, só como eu te falei que quando eu era pequena que eu queria ser enfermeira, mas enfermeira de centro cirúrgico, pra ajudar a fazer cirurgia. Mas não, aí depois que eu entrei, tudo quanto é curso que tinha, eu queria ir. E a

gente tinha muita oportunidade de fazer, a gente ia pra Pirenópolis, sabe, ia pra Caldas Novas, tudo o quanto é curso, em Catalão, onde que tinha se fosse gratuito eu tava lá (risos). Nossa eu tenho diplominha demais lá em casa. E assim não precisava ser só na educação, qualquer área, igual eu te falei assim, a questão de ser bombril, mil e uma utilidade, qualquer área eu gosto, só exatas que não, mas nas outras, qualquer uma que tem, eu quero fazer. Educação financeira, eu gosto de lidar com a parte de dinheiro, eu gosto de lidar também. Você ainda não pediu a aposentadoria, a pergunta seria, quais motivos te levaram a solicitar a aposentadoria?

Não, eu ainda não pedi. Tem hora que eu fico pensando, será que eu vou pedir? Até o ano que vem, porque eu fico pensando assim, do tanto de pessoas que precisam de entrar, tá entendendo? Mas a questão do salário, o que cai no salário é muito, então isso vai retardar eu tá entrando com o pedido. Até assim a hora que o Kaleb terminar e tiver trabalhando, aí tudo bem, mas eu acredito que antes dele ter um emprego, eu acredito que eu não peço aposentadoria não. Você ainda não tá com vontade também né?

Não, só o dia que eu tô doente (risos), só esse dia, mas assim, no mais eu não tô com vontade de sair não

Eu admiro, você gosta da sua profissão, 60 horas é um tantinho bom né?

É! Eu venho todas as manhãs, e venho duas noites, e venho uma tarde, aliás a tarde, eu venho duas tarde, só porque a do FIC, não preciso vir exatamente na segunda, ou eu venho segunda, ou venho quinta, porque eu faço o horário. Então eu sempre venho duas tardes, mas aí essa outra é flexível, normalmente na segunda-feira, eu gosto de vir, porque eu não venho na segunda à noite, e aí na terça eu venho a noite e já venho a tarde também pra sala de aula. Então três períodos você cansa. Igual ontem, você não tem tempo pra nada, tem dia que eu falo, gente não tem ninguém pra fazer um café pra mim lá em casa

Você que faz tudo?

Tem que fazer tudo, igual eu te falei, tem as coisas da minha mãe. Tem dia que é pesado sabe, não, não é fácil, mas... enquanto tiver com saúde...

Mas depois dessa viagem que você vais fazer vai voltar renovada

“Ai se Deus quiser”

Pensando numa hipótese de quando você se aposentar, pretende fazer alguma coisa, a sua ideia é por exemplo, montar um negócio? Trabalhar com alguma coisa?

“Não pensei o que é que eu fazer, talvez seja por isso que eu ainda se..., que eu não quero, porque se eu já tivesse uma segunda opção, eu até pensaria, não vou aposentar e vou fazer isso, mas ainda não tenho.”

Você trabalhou no administrativo ou só sala de aula?

“Administrativo não, porque aqui no laboratório de informática, diz que cai no administrativo, mas eu nunca fiquei só aqui. A gente tinha, ficava na chamada professor-dinamizador, você lembra? Então eu fiquei aqui muitos anos, mas fazia só 14 aulas aqui e as outras 14 eu fazia em sala de aula. Nunca fiquei só aqui, agora já a Izília ficou só aqui no laboratório, e ela caiu no administrativo.”

Coordenação você já pegou?

Já, já passei pela coordenação também. Mas onde eu fiquei mais tempo foi no laboratório, e agora que eu tô no apoio já desde 2011”

Olhando pra sua trajetória, pra tudo que você viveu, as suas experiências, se você aconselhar alguém hoje que fosse entrar pra educação...

“Ser professor?”

Ser professor

“sim o Kaleb, meu filho

Você o apoiou?

Ganha pouco, mas... se for fixo Denise, se você gostar, que eu acho assim, você tem que fazer o que gosta, e ele tem jeito pra professor, ele é muito bom pra falar. E eu acho que ele fala demais (risos). Fala demais, eu acho que não precisava falar tanto, ele fala demais, e ele quer convencer, sabe assim ele tem um espírito de convencer incrível, e o professor precisa disso. Porque tem muito aluno questionador e o seu papel ali é de convencer que o que você tá passando tá certo que o conhecimento que você tem ali tá certo. Então tem que ser. Eu incentivo sim, eu gosto muito de trabalhar Denise, e eu já trabalhei com uma disciplina que chama orientação vocacional, e antes de ter tanto acesso à internet, tinha um livro, com todas as profissões, e quando eu trabalhei isso em sala de aula, eu trazia médico, policial, várias, engenheiro, pra poder tá falando da realidade, tipo a feira de profissões que a UFCAT faz. Então assim, eu trazia pra dentro da sala, pra poder tá falando, e eu pesquisava muito, sabia quando

universidade fulana aberta, aqueles processos de... ai eu esqueci como é que chama, em Brasília tinha, na UFU em Uberlândia também tinha, pra não fazer vestibular, você ia fazendo aquela prova

PAS, PAES?

“É. PAES de Uberlândia e PAS de Brasília. Então assim eu era atenta a essas inscrições, eu ia nas salas avisar para os alunos, mesmo sem eu ser coordenadora, nem nada, só trabalhava com a disciplina, então eu sempre ficava pesquisando, e nesse processo, eu tenho um primo, ele passou, ele é médico hoje, e ele fez só pelo PAES, então todo ano fazia a prova e não precisou de fazer vestibular, porque se fosse pela nota do ENEM, aí já era mais concorrido”

Minhas questões de hoje são essas...

Ela completou

“Quando eu fiz a pedagogia, não estava muito satisfeita, por quê? Porque a pedagogia te leva só pra primeira fase, né... e precisava de fazer, e de novo eu queria fazer a Letras”

E por que você não fez?

“Não tinha vaga pela UEG, aí não sobrou vaga, e como eu era portadora, eu não precisava de prestar o vestibular, bastava eu requerer vaga em Letras, aí eu fiz a Geografia. Mas eu também amo a terra, gosto de plantar, eu gosto de trabalhar no campo, então assim, já era uma afinidade minha também. Gosto demais da Geografia, mas eu queria demais Letras, gosto demais da Língua Portuguesa.

Durce muito obrigada, provavelmente vamos marcar um segundo momento

“ sim estou à disposição”

porque realmente 60 horas... você gosta da sua profissão...

APÊNDICE II – Entrevista 02

Izília Maria Borges da Silva Torquato

53 anos

Você já fez o pedido de aposentadoria?

“Já”

E ainda não conseguiu?

“É, porque eu ainda tive todo um processo de não ter ficado só em sala de aula. Então por exemplo, hoje eu tenho com o tempo averbado 31 anos de serviço... isso assim, porque eles averbaram, e só contaram dois anos de um período de mais de quatro anos que eu trabalhei. Comecei a dar aula com 18 anos de idade, então um período de mais de 4 anos que eu trabalhei, eles só contaram como se só existissem dois, e isso é que me prejudicou agora; tanto é que eu tô já justiça, entrei na justiça pra eles fazer a recontagem desse tempo, porque tá errado, eles deixaram período sem contar nada e fizeram contagem somente de segunda a sexta. E agora pela lei, tem uma nova que eles tem que fazer essa contagem; então com isso eu tenho que descontar período que eu não fiquei em sala de aula, e eu não fiquei em sala de aula os quatro anos de disponibilidade que eu fiquei na prefeitura né, como secretária de educação, e dois anos e meio, um pouco mais de dois anos e meio que eu trabalhei no laboratório de informática, antigamente né, no período de 90, se não me engano, dois mil e pouco.

É nós tínhamos um cargo no estado de dinamizador do laboratório de informática, e aí eu trabalhei, foi bem no iníciozinho... então eu trabalhei como dinamizadora os dois períodos, então eu não peguei sala de aula, e aí depois (como é cargo novo, ninguém fala) eles colocaram ele só como se ele fosse administrativo, não como sala de aula. Mas eu era professora, eu dava aula para os alunos que iam no contraturno, eu dava a aula, não era só que eu organizava o laboratório; mas aí depois mais pra frente esse cargo virou só isso, a pessoa que ficava aqui e o outro professor que chegava e dava aula. No meu período não era assim, mas não conta. Então pra eu descontar são mais de seis anos né, mas só que com o resultado agora que saiu da aposentadoria que eu dei entrada, saiu que eu tenho só 24 anos e 3 meses, então com isso eu não

conseguiria aposentar agora... e pela nova lei, eles jogaram somente pra quando eu tiver 57 anos de idade. So que ...”

No total então você tem quanto anos, contando desde os 18, você já tem mais de 25 né?

“Tem, já tenho 34, que eu trabalho, porque ficou 31 com os dois anos averbados, ficou mais de dois anos que eles não averbaram né, dá uns 33, 34 anos”

Então hoje a resposta deles é que você tem que completar 57 anos?

“É, a resposta que só em 2025, em setembro de 2025, final de setembro de 2025. E eu achei engraçado, que nem quando eu posso pedir, não sei, porque eu faço aniversário no final de outubro, mas aí quando eu consultei o advogado ele disse que a gente entrando na justiça pra rever a averbação, e aumentar a averbação, como o pedido de aposentadoria está em aberto, que eu não dei ciência então fechou, tem que estar em aberto, aí é como se estivesse esperando, aí se anexar novos documentos, de novo período que é de antes, que isso é de... eu fui efetiva em 93, sou efetiva a partir de 93, esse período de averbação é de antes de 93, é de 87, 88, 89,90 e 91

Que você trabalhou aqui de contrato?

“De contrato aqui, e eu tenho seis meses que trabalhei no Dácio, em 87, e esse eu tinha esquecido, eu achei que nem ia precisar, que eu perdi mais de quatro anos, e eu não precisava disso tudo, então eu não peguei essa documentação do Dácio, e agora eu inseri no processo”

Então você conseguiu pegar?

“Consegui, consegui, lá eu tenho documentos. Eu guardei , por incrível que pareça, tenho até os meus (que antigamente era os contracheque), eu tenho os meus guardados até hoje, de 87”

Ainda bem né,

Então quando você começou com 18 anos não tinha nem graduação?

Não, eu só tinha ensino médio

Nem magistério?

Na época não, com 18 anos não era magistério, porque eu fiz técnico em contabilidade, no ensino médio, só que com 18 anos que foi quando eu comecei, aí teve o concurso no estado, quem dava aula, que tava de contrato, podia fazer um curso, que você pegava, fazia ele e pegava o diploma (você já tendo o ensino médio né?), aí você pegava o diploma de magistério, tipo disciplinas

complementares, eu não me lembro agora o nome, só que eu cheguei a fazer a inscrição pro concurso na época, mas eu não tinha idade, eu tinha que completar 19 anos antes da data do concurso, pra eu poder fazer o concurso, só que eu não fazia 19 anos antes, aí eu não pude fazer o concurso que saiu nessa época, aí nesse período, por isso que eu fiquei tanto tempo trabalhando como contrato temporário, aí nesse tempo eu fiz um outro que a gente chamava projeto, projeto Lumem (acho que é isso mesmo), aí eu fiz o projeto Lumem e peguei o diploma de magistério. Aí eu prestei o concurso em 1992 e passei, na época fiquei em segundo lugar, primeiro lugar foi a Dircinha, que não quis, eu lembro direitinho, ela ficou em primeiro e eu fiquei em segundo.”

Você já estava fazendo educação física?

“Não! Ainda não, ainda não. Eu entrei em 93, fui efetivada, eu pegava disciplina, eu já trabalhava, como minha mãe dava aula de matemática pra ensino fundamental, eu dei aula de matemática muito tempo e as disciplinas que você estuda né, história, geografia... aí depois que fui fazer faculdade. Fui fazer faculdade em... eu entrei em 99, não minto, eu formei em 99, terminei em 99. Foram 4 anos né, entrei foi em 96. 96, 97, 98, 99.”

Ai depois você fez outra graduação?

“Aí depois... é aí eu fiz educação física né que eu terminei em 99, aí depois veio aquele projeto do estado né, de EAD pela UFG, aí eu fiz Artes, Artes Visuais.”

E você ficou na direção quanto tempo?

Quatro, quatro anos

Aqui na escola você teve esses cargos que você me falou, passou pela direção, depois tirou licença e foi pra secretaria de educação do município?

“Eu fui coordenadora antes também”

Você passou por quase todas as funções pedagógicas?

“Eu já fui coordenadora de turno, coordenadora pedagógica, diretora né, professora de várias disciplinas, e quase fui gerente de merenda (risos), acho que aceitei num dia e dispensei no outro (risos)”

Você chegou a tirar licença, aquela que você tem direito?

“Tirei, aí quando eu tava próxima de 25 pra completar, eu tirei 15 meses, que era o direito que eu tinha né. Com 25 anos eu tive 15 meses. Foi um ano e três meses, aí eu terminei...”

Você achava que ia aposentar logo depois?

“Achei que ia, aí que veio falando que eu tinha, que aí eu fiquei aguardando a averbação, aí não saiu nesse tempo, porque a minha averbação demorou três anos pra ser concedida, três anos, e aí eu fiquei esperando a averbação, esperando, esperando, aí quando saiu a averbação, aí eu mandei, pensei, não agora vai dar o tempo, só porque aí a contagem deles né, é do jeito que eles querem, aí arqueei. No início desse ano que saiu, saiu a averbação num dia, no outro dia eu mandei, não demorou um mês veio a resposta, que com a averbação ainda não dava”

Você começou muita jovem né na sala de aula?

“ Eu terminei com 17 anos em 1985. Eu fui alfabetizada em casa, a gente sempre teve essa relação de morar na fazenda né, então quando eu... eu sou de Goiás, nasci aqui em Goiás, nasci em Goiatuba, na época meu pai tinha fazenda lá, e aí depois vendeu de lá e comprou em Uberlândia, aí a gente mudou pra uma fazenda pertinho de Uberlândia, e eu com 5 anos fui alfabetizada pela minha mãe na fazenda. Minha tia, madrinha, madrinha Alda era professora e madrinha Aurita também, e a madrinha Alda era de alfabetização, então ela passava, naquela época era a cartilha né, Caminho Suave, era cartilha, e as outras atividades, então minha mãe era todo dia, e minha mãe você conhece (rsrs), do mesmo jeito sempre. Então ela tinha a hora, era todo dia depois do almoço tinha aquele horário que era a minha aula, então quando eu fui começar a estudar no primeiro ano, que aí antigamente você fazia pré e o pré eu fiz na fazenda. Aí quando eu fui fazer o primeiro ano, a escola lá em Uberlândia não queria me aceitar pela minha idade, porque eu tinha seis né, completava seis em outubro, hoje em dia a data de corte é março, eu entraria, mas na época eles não queriam deixar, aí eles falaram se eu fosse transferida eles me aceitavam, aí eu fui pra Goiatuba, onde moravam meus avós maternos e fiquei lá um mês estudando na escola lá, onde minha tia era professora, aí eu voltei transferida, aí eles tiveram que me aceitar. Tanto é que eu lembro , eu sempre tive sair pra estudar fora desde pequena (risos). Eu fiquei um mês na casa da minha avó materna e depois quando eu fui pra Uberlândia eu tive que ficar na casa da minha avó paterna, aí eu ficava lá de segunda a sexta, porque meus pais moravam na fazenda. Aí chegava na sexta meu pai me buscava e passava o final de semana lá, segunda-feira cedo meu pai me levava de volta pra Uberlândia, ficava com minha avó. E era assim, eu ia pra escola sozinha, tinha uns vizinhos que a gente ia junto, mas

eu não tenho lembrança da minha avó sentar comigo, vamos fazer tarefa, era eu, só que quando eu fui alfabetizada pela minha mãe na fazenda, o que a professora ensinava na sala de aula eu já sabia tudo, eu já sabia ler, escrever tudinho.”

Então sua mãe também só foi ser professora depois que ela veio pra cá?

“Foi, depois que ela veio pra cá, porque ela não tinha ensino médio quando ela casou, aí que ela estudou, ela estudava a noite lá em Uberlândia”

Então a sua ligação com a fazenda é desde pequena, porque eu lembro do seu pai ter uma fazenda perto do meu pai?

Isso, a gente veio pra cá por causa disso, que aí vendeu a fazenda de Uberlândia e comprou aqui, lá no Paraíso de Baixo. Aí a gente ficou um tempo, papai vinha pra cá mais meus avós, e a gente morando lá, eles iam só de 15 em 15 dias, mais ou menos assim, até que resolvemos mudar pra cá, pra ficar mais fácil né, mais perto, aí a gente continuou indo pra fazenda, eu ia no final de semana, todo final de semana a gente ia pra fazenda. Ficava aqui meio de semana. Na verdade aqui em Ouidor mesmo eu estudei um ano só, porque quando a gente veio pra cá, eu fiz o último ano do ensino fundamental, que no período chamava oitavo e hoje é o nono, fiz só esse ano, aí no ano seguinte, tive que fazer o ensino médio, e não tinha aqui ainda, em Ouidor, só tinha em Catalão e o ônibus era a noite, aí peguei minhas malinhas e fui de novo morar com minha avô, minha outra avô lá em Itumbiara, minha avó materna, aonde a madrinha Aurita na época trabalhava a noite, dava aula lá e eu fui pra lá estudar lá, aí fiquei lá dois anos, aí voltei e terminei. Lá em Itumbiara fiz o primeiro e segundo ano, aí eu voltei, porque eu consegui na época (o Marion era prefeito), e a Elianete e o Eldin ia pra Catalão todo dia e voltava de manhã, aí minha mãe conseguiu uma meia bolsa pra mim lá no Anchieta, aí eu fiz o terceiro ano lá. Aí eu ia todo dia e voltava. Aí do Anchieta você prestou vestibular? Ah você não prestou vestibular...

“Cheguei, cheguei a prestar, quando terminou eu prestei quando tava começando a UFG, aí os cursos que tinham eram Geografia, eu lembro acho de Geografia e História. Sabe aquele negócio de prestar pra poder prestar? Porque minha mãe queria, não sei o que... mas aí eu não passei, aí eu já casei, só voltei depois. Foi uma coisa que achei muito interessante, a gente saiu, pediu pra gente fazer um curso lá em Catalão, e aí a gente tava assim numa roda de professores, aquele negócio, cada um se apresenta, fala de onde você é, fala sua graduação

e aí foi, tô todo mundo, eu sou formada nisso, eu tô fazendo isso, eu não sei o que, eu pensei, vai chegar em mim e eu vou ser obrigada a falar que eu só tenho magistério, que eu não tenho faculdade, que não fiz faculdade; lembro que tava eu e minha mãe, e minha mãe também não. A hora que saiu eu falei, mãe eu fiquei com vergonha, eu tenho que estudar, tenho que voltar a estudar, ela falou assim, se você for prestar eu vou prestar também. Aí nós duas prestamos juntas no mesmo ano, passamos todas duas né, só que aí minha mãe escolheu Matemática... eu preferi, na verdade eu escolhi educação física foi mais por , eu não queria estudar a noite, porque a Lorrany era pequena né, então assim eu não queria, preferia trabalhar a noite porque aí no período que estudei eu trabalhei a tarde e à noite, mas eu tava aqui, era mais fácil, do que ter que sair à noite, porque você sai cedo e chega muito tarde, então não quis, queria de manhã. Aí dos cursos que tinha eu achei educação física, porque na época não tinha professores formados na escola também, foi tudo isso que me fez escolher, aí escolhi educação física”

Passou de primeira, você e sua mãe?

“Foi, porque quando você quer, quando você precisa, que você vê, você se empenha, é outra coisa, é outra história.”

A sua carreira docente foi uma escolha, quando você olha pra trás, foi uma escolha ou foi acontecendo?

“Foi acontecendo, tanto é que , igual eu falo, a vida da gente não adianta você reclamar, ahhh se eu tivesse isso, se tivesse feito assim e assado hoje eu tava melhor... se eu tivesse feito magistério na minha época de ensino médio né, eu teria passado no primeiro concurso, que eu não pude porque eu não tinha, eu não precisava averbar, eu já teria tantos anos, eu já estaria aposentada. Se eu não tivesse feito a escolha de sair pra trabalhar na prefeitura, eu não tinha que descontar os quatro anos, eu já estaria aposentada, entendeu? Tá! Mas foram escolhas que eu fiz, ninguém pôs uma arma na minha cabeça, ninguém me obrigou. Na época era o melhor pra mim, quando eu escolhi o ensino médio, na época pra mim era o melhor, foi uma escolha minha, quando eu escolhi ir pro (preciso entender essa palavra), foi escolha minha, né eu fui mal informada num ponto na época, principalmente quando eu fui pra prefeitura, que foi a questão de que eles me informaram de que, por eu ter ficado dois anos no laboratório de informática, automaticamente eu já tinha passado para o administrativo, eu não

poderia mais nunca mais aposentar como professora, só que não é a verdade, você pode desde que você desconte esse período. Então se na época eu tivesse informação, provavelmente as vezes eu não tinha ido, porque eu sabia que isso ia me atrapalhar e eu só descobri isso depois que já tinha ido, então... Mas é igual eu falei, foi uma escolha minha. Foram escolhas se eu ficar me lamuriando quem sofre sou eu e não vai mudar em nada , então, vamo bora, tamo aqui graças a deus com saúde e seguir pra frente, não tem jeito de vortá
rsrs

Então você quer aposentar ? (risos)

“Quero, quero aposentar, ahhh tá tenho fôlego, tenho saúde ainda pra continuar, tenho, mas... igual eu tive entre aspas há um tempo atras antes da pandemia, peguei uma outra profissão, que foi junto com a minha filha, né que também foi vindo, que ela começou e eu resolvi ajudar ela, na questão das decorações, que eu gostei muito, hoje também não quero mais.”

Não?

“Não, não, porque é igual eu falei, hoje, a minha vida depois né, justamente que veio a pandemia, que você fica mais quieta, depois que eu mudei, que eu fiz minha casa lá na fazenda, que eu mudei pra lá, não são minhas prioridades mais, sabe... e é igual você me perguntou, eu escolhi ser professora? Não, que aí duma coisa eu passei pra outra, aqui eu fiz, eu vim pra cá, continuei aqui em Ouvidor né, técnico em contabilidade, , só se eu fosse montar, e assim mesmo naquela época em 1985 ninguém precisava muito de contador, que era tudo na base do caderninho, então não tinha campo, de repente, seu tio que era o diretor da escola, não tinha professores, aí começou, aí quando eu terminei, não sei se foi no ano seguinte, começou a ter o ensino médio aqui na cidade e não tinha professor pra dar aula a noite, de repente me chamou e eu comecei.

Hoje você olha pra trás e se pudesse voltar no tempo, você teria feito outra graduação, ou nunca parou pra pensar sobre isso?

“Olha eu acabei me descobrindo realmente na docência, tá eu passei muito tempo assim de início realmente aprendendo a gostar e fui me aprimorando através dos dois cursos que eu fiz, através de vários cursos, eu sempre fui uma pessoa que... ahhh tem um curso pra fazer, levantava o dedinho (risos), ahhhh vamos viajar pra fazer curso, opa...era as duas mãos, então assim, sempre procurei e fui aprendendo a gostar realmente... eu acho que eu ... (pausa),

sempre tinha vontade de arte e aí depois...eu acho que talvez, se eu tivesse feito invés de artes , se eu pudesse, que esse foi um que eu tinha, eu tinha vontade, ao invés de fazer artes visuais e ter feito artes plásticas, seria um, ou então gastronomia, que é uma coisa que eu também gosto muito, ahh se eu pudesse voltar então, as vezes fazer uma gastronomia ou artes plásticas, acho que até seria bom, mas...eu fui feliz, sou. Posso dizer que realizada, posso dizer que reconhecida, enquanto eu pude fazer e tô aí trabalhando até hoje.

Sua família sempre te apoiou?

“sim, no período que eu fiz a primeira faculdade né, então eu trabalhava de manhã, trabalhava a tarde, não... estudava de manhã, trabalhava a tarde, trabalhava a noite e trabalhava final de semana, porque foi o período que a gente tinha pizzaria, e tinha uma criança de 4/5 anos, porque foi quando ela começou a estudar, eu tinha filha de 5 anos né, então o Jusa cuidava dela no meio de semana pra eu trabalhar, e minha mãe e meu pai cuidava final de semana pra nós trabalharmos, então assim eu sempre tive uma rede muito boa pra me apoiar.”

“Eu falo assim graças a deus a gente tem época da idade da gente que você tem muita força, gás, porque senão você não dá conta não”

Eu não lembrava disso

“Nossa senhora, cansei de ficar até madrugada, de estudar trabalhando, mas passou” (risos)

Aí eu acho que você já me respondeu praticamente a outra pergunta (risos), que é como você desenvolvia suas práticas no cotidiano com a sua atuação docente, como é que você conciliava isso?

“É igual tava falando, eu tinha uma rede grande né, graças a deus, meu marido sempre foi muito companheiro nesse ponto, de casa, de fazer comida, levava a Lorrany pra escola, quando eu fazia faculdade, eu chegava uma hora, quase uma né, ela já tinha ido pra escola, já tinha voltado, já tinha almoçado porque as vezes tinha vez que se atrasasse não dava tempo de almoçar porque eu tinha que tá aqui, né era assim, era praticamente as vezes eu descia e vinha direto e aí a gente via que final de semana também trabalhava, ia conciliando

Você tinha uma rede de apoio né?

“tinha, tinha, minha mãe e meu pai, meus irmãos se eu precisasse”

Hoje como você enxerga o campo da educação, assim como você a educação nos dias de atuais? Se você olhar pra trás, pro passado e agora ...

“Bom, aí nessa questão, a gente falar sobre a questão da educação... a evolução hoje, de tudo, não tem como ser a mesma coisa, por vários fatores. Primeiro nós tínhamos um período, que nós tínhamos crianças que na verdade mal sabiam falar (risos). O desenvolvimento ele acontece não só (eu como espírita, que eu entendo, que eu acredito), que ele acontece, está acontecendo, as crianças de hoje não são iguais as crianças de antes, porque elas tiveram uma evolução, então ninguém que nasceu hoje não vai ser igual outro que vai nascer 20 anos depois, 30 anos depois; eu já tô com mais de 30 anos que eu trabalho na escola, então a criança que foi meu aluno há 30 anos, é muito diferente da criança que tá hoje, porque houve uma evolução humana, não só da educação, uma evolução humana, de ser humano. Então naquela nós entrávamos na sala de aula, nós éramos deuses, eu poderia ensinar qualquer coisa que eu quisesse, até o errado, porque eu não ia ser contestada, porque o que eu falasse lá ia ser assinado pelo aluno e pelo pai. Hoje não! Hoje você tem que chegar com a sua verdade e ainda assim, vamos pesquisar direitinho, porque pode ser que mudou ou tá diferente, porque é complicado, e é óbvio, temos crianças hoje que tem muito mais informação. Hoje eu tava lá com o notebook pra poder colocar na sala o vídeo e justamente na sala que a internet não pega bem, não sei por que nessa não dá; eu tinha que rotear, e tentar rotear do meu celular pro notebook, eu não estava conseguindo. O meu aluno de sétimo ano é que veio e que me ajudou, é isso, por quê? Porque eles sabem mais essas coisas do que eu, essa questão de tecnologia hoje, de celular, dessas coisas... então é muito diferente. Hoje a gente tem que ser esperto, a gente tem que procurar porque a mesmice, aquele negócio do caderninho que a gente tinha antigamente, que você usava o mesmo caderninho, 3 anos, 4 anos o mesmo, não, não funciona. Hoje nós temos uma estrutura na escola completamente (você pôde perceber)

Até filmei a bicicleta (RSRS)

“Nós estamos agora com todas as salas de aulas com projetor né, a internet é acessível pra todos os alunos, a internet aqui a senha todos os meninos sabem, é liberada. É bom demais, mas também tem o lado difícil, que você tem que ter um controle muito grande, porque senão você chega e se você não tiver um controle você dá aula pra metade, porque a outra metade tá envolvida com outro,

que não tem nada a ver com seu conteúdo. Ou então você tem que buscar esse, essa peça pra colocar dentro da sua disciplina, pra fazer com que eles pesquisem, que eles utilizem... hoje se tem plataforma né, igual o estado tem plataforma, que tá melhorando cada vez mais, pra que os meninos possam usar; eles mesmos se eles quiserem, eles entram, tem aulas, porque hoje se a pessoa quiser ser um autodidata, ele consegue tranquilamente, não é igual antigamente que a gente tinha a Barsa, comprava a Barsa, tudo que tava na Barsa... (risos) acabou, não existe a barsa

Em algum momento pensou em desistir e seguir outra carreira?

“Bom primeiro, desistir eu não podia nunca porque eu sou concursada e eu não sou boba (risos), e nunca tive uma oferta tão melhor”

Que te brilhasse os olhos... (risos)

“É!! Mas assim, eu fui obrigada um período a diminuir minha carga horária, que foi quando eu tava terminando a faculdade de educação física, porque realmente eu trabalhava meio de semana, final de semana, e eu precisava terminar, e eu queria diminuir minha carga horária e eu fiquei com 30 horas um ano. No período que eu tava mais envolvida com as ornamentações de festas, eu já tive período de tá com 60 e diminui também e voltar pra 40, pra eu ter possibilidade de fazer isso fora. Mas assim falar vou deixar isso, não.

Hoje você faz quantas horas?

“hoje eu faço só 40 também por opção minha, não acho que compensa demais o excesso, fiquei o ano passado com 60, é muito, muito, muito desgastante, aí a idade já vai pesando”

Qualidade de vida né?

“É isso, e porque a gente vai percebendo que quanto mais você ganha, mais você gasta, não importa, e se você perceber, não é tanto, as vezes você gasta mais com coisas que realmente não fazem sentido, que não tem tanto valor assim, então se você souber, você vice, a sua qualidade de vida é muito mais importante do que hoje você comprar um vestido, amanhã você compra um sapato, entendeu? Então isso é que eu fui percebendo, que a minha sanidade mental, minha qualidade de vida, a minha saúde é muito mais importante, então eu só não diminuo mais porque eu tô próxima a aposentar, isso acarreta problemas pro futuro, então eu fico com as minhas 40 só, eu consegui de uma forma bem mais tranquila, concentrando em três dias né manhã e tarde, são dias

muito puxados, lógico, terça, quarta e quinta puxadíssimos, mas terminou, acabou, eu fico tem um dia em casa pra planejar, um preparo né, mas o resto eu tô tranquila.

Quais os motivos te levaram a solicitar a aposentadoria?

“bom, o tempo né de achar que eu já tinha e realmente pra poder descansar, pra poder ter meu tempo livre, realmente pra dedicar para as coisas que hoje pra mim são importantes, que é minha família, que são minhas netas, minha filha, que é o meu espaço no qual eu já tenho um ano, um ano e pouco que eu tô morando lá na fazenda, cuidar das minhas plantas que eu gosto muito, minha horta, minha casa, poder fazer o que trabalhando não tenho tanto tempo. Fazer meus doces, cozinhar, realmente ter tempo pra mim e pra minha família.

Quando eu vejo suas postagens já fico emanando energia positiva pra você aposentar (risos), porque esse período que eu tô de licença eu descobri que eu não quero trabalhar de manhã mais, eu preciso da manhã livre.

“Eu levanto cedo, pode ser um final de semana, eu não consigo dormir até tarde, mesmo que eu venha, que eu tenho que tá aqui às 7h, eu gasto uns 20 minutos pra poder chegar aqui, eu levanto quinze para as seis, quando tá mais quente que o sol nasce mais cedo, eu tava levantando cinco e meia, pra fazer meu café, sentar, tomar meu café vendo o sol nascer, sabe aqueles 15 minutos assim, eu consigo, pra mim aquilo é carregar minha bateria pra o dia. Agora se eu tiver que levantar correndo, não rendo, agora se eu tiver aquele tempinho na parte da manhã para mim, aí depois pode vir em casa pra lavar, horta pra capinar, menino pra dar aula, aí vai embora (risos)”

Quais as mudanças positivas e negativas você viu ao longo da sua vida profissional?

“Bom, negativa eu acho que hoje essa questão de números seja em âmbito mundial, âmbito nacional, âmbito do estado, essa questão de números que tem que ter, ahhh se tá em primeiro lugar, se tá em tal nível, então essa questão de ter que ter números, não pode ter tantas repetências, não pode ter tantas evasões, não pode isso, não pode aquilo, então isso de um tempo pra cá, prejudicou muito a educação. Porque ahh não pode reprovar, então o aluno passa sem ter conhecimento necessário, e isso tá começando lá no ensino fundamental primeira fase, isso tá refletindo hoje, a gente já tá percebendo isso nos alunos que chegam aqui no ensino médio e ensino fundamental segunda

fase de sexto ano, que os meninos você não consegue ler o que eles escrevem, eles não sabem mais escrever, não sabem ler... e eu não tô falando de aluno especial, que realmente tem uma dificuldade cognitiva, não. Hoje nós temos um número de analfabetos funcionais muito grande, e não é hoje que eu vi um aluno de sexto ano assim, é um aluno do ensino médio que você pega as coisas dele e ele não escreve correto, e isso, eu acho, acredito que muito é dessas condições, não pode reprovar, porque quer quantidade, porque o número então no Brasil ou no estado vai ficar baixo... então foi empurrando e foi fazendo isso crescer de uma forma, que hoje nós temos essa dificuldade, então isso pra mim, isso foi negativo. Em questão também de... nós tivemos uma geração de filhos que tiveram pais rígidos, aí eles tiveram filhos, ah não quero criar meu filho como meu pai me criou, porque eu não podia nada, e vou dar tudo pro meu filho, tudo, aí ele tá tendo filho agora; esse que teve tudo ele não sabe cobrar do filho, ele não sabe, ele não sabe o que fazer, ele não tem referência porque ele pôde tudo, e os de hoje, eles tão muito assim. Então a gente já tá pegando esse estilo de aluno que ele não tem apoio, não tem muita regra, não tem apoio familiar; você chama o pai aqui porque o aluno tá difícil, ele pega e fala pra você, eu não dou conta dele, você cuida, faz o que você quiser porque eu não dou conta dele nem em casa, e isso na frente do filho, junto com você, então como? Então isso é um ponto que dificulta pra gente, como que você controla a questão de disciplina se você pede pra fazer tarefa de casa, não existe mais, muito difícil você conseguir que um aluno faça a tarefa em casa e te traga igual era antigamente, muito difícil, isso é um dificultador.

O ponto positivo, são lógico, as tecnologias nos auxilia, hoje você tem como fazer a parte teórica e mostrar a prática com muito mais facilidade, isso é lógico vai depender muito do professor pra que isso auxilie no aprendizado, porque igual eu falei, não adianta levar pra casa, você tem é que mostrar e fazer com que seu aluno queira, se interesse, e tem que ser de uma forma muito criativa, porque nós temos hoje uma concorrência muito grande, que são as tecnologias. O aluno vai pra casa, aí ele tem o Youtube, ele tem a televisão, ele tem TikTok, ele tem o Instagram, tudo possível de tecnologias na sua mão, mas não pra estudar, mas pra o que ele quiser, pra ele se divertir, e aí as vezes ele que o estudo não é uma diversão, então você tem que mostrar que o estudo também pode ser uma forma que atraia, que seja atraente né”

Após conseguir se aposentar, o que pretende fazer?

“Quero arrumar outra coisa, quero trabalhar com outra coisa? Não, por enquanto não tenho pretensão pra isso. É igual minha filha falou nós não desfizemos das nossas coisas todas não, só de algumas, tá tudo lá, esses dias ainda falei, você tá querendo mexer, ela falou, a mãe não sei, eu ainda tem vontade e tal, tem que passar esse período que as meninas são pequenas ainda, então não é uma coisa pra... vai que daqui uns anos eu enjoio de ficar só socada lá, não sei, as vezes ainda vai, mas por enquanto não, por enquanto é aproveitar, gosto muito de viajar, ter as possibilidades de sair, mas é isso.”

Se você fosse aconselhar uma pessoa jovem que fosse falar que quer ser professor ou professora, o que você diria pra ela?

“Eu diria pra poder seguir em frente, é difícil é, todas as outras profissões são difíceis. Hoje não existe mais você formar, você fazer uma graduação, ufa pronto, joga os livros fora, nunca mais vou estudar na vida, não existe. Hoje eu falei pros meninos, falei gente, quanto mais vocês enrolarem, mais tempo vocês vão ter que estudar, porque não significa que vocês vão terminar o ensino médio e vão parar, que vão terminar a faculdade e vão parar, porque estudar é o resto da nossa vida, então, quanto mais você enrolar, você só vai atrasar sua evolução e em ser uma pessoa melhor pra frente; porque parar de estudar nunca pode, seja em qualquer profissão hoje em dia. As coisas estão indo tão rápido, não é igual antigamente, que você estudou e ficava muito tempo parado, as coisas estão indo tão rápidas que a gente não pode parar em momento nenhum. Vá em frente, saiba que tem que estudar, igual eu falei, independentemente de qualquer profissão tem que estudar.